

**O EMPREGO DOS ELEMENTOS DO SURF NO  
SALVAMENTO AQUÁTICO: concepções de professores e  
alunos do curso de graduação em Educação Física**

OSNI PINTO GUAIANO

BAURU – SP

2005

**O EMPREGO DOS ELEMENTOS DO SURF NO  
SALVAMENTO AQUÁTICO: concepções de professores e  
alunos do curso de graduação em Educação Física**

OSNI PINTO GUAIANO

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Paulista – UNIP, Campus Bauru, como exigência parcial para obtenção do título de GRADUADO - Licenciatura Plena - sob orientação dos Professores Mestres Edson Castardeli e Angela Maria Furquim Carneiro.

BAURU – SP

2005

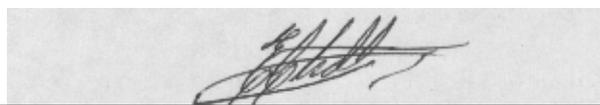
Termo de aprovação

OSNI PINTO GUAIANO

O EMPREGO DOS ELEMENTOS DO SURF NO SALVAMENTO AQUÁTICO:  
concepções de professores e alunos do curso de graduação em Educação Física

BANCA EXAMINADORA

MONOGRAFIA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE  
GRADUADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



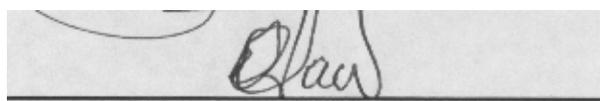
---

Prof. Ms Edson Castardeli – Orientador



---

Prof. Ms Angela M. F. Carneiro – Co-orientador



---

Caetano dos Santos Neto – Professor da Disciplina  
Monografia



---

Gustavo Ribeiro da Motta – Coordenador do Curso de  
Educação Física

Bauru - SP, 05 de Dezembro de 2005.

## Dados curriculares

OSNI PINTO GUAIANO

### NASCIMENTO

05.10.1960 – RIO DE JANEIRO / RJ.

### FILIAÇÃO

Alfredo José Guaiano / Neusa Pinto Guaiano

### OUTROS

2001/2005      Graduando em Educação Física. Faculdades Integradas de Guarulhos & Universidade Paulista – Campus Bauru.

2001            Curso Extensão Universitária em Salvamento Aquático realizado nas Faculdades Integradas de Guarulhos (FIG). Guarulhos, SP. – Professor convidado.

Palestrante no 3º Simpósio Projeto Marazul. São Paulo, Capital.

Palestrante no Espaço Cultural do Banco do Brasil – BBTeen. São Paulo, Capital.

Palestrante no 1º Congresso Uruguaio de Guarda-Vidas do Cone Sul. Montevideú, Uruguai.

Organizador e Professor de três Cursos de Salvamento Aquático realizados na Academia Projeto Acqua. São Paulo, Capital.

- 2002
- Curso de 1<sup>o</sup> Socorros realizado na Federação dos Empregados em Turismo e Hospitalidade do Estado de São Paulo – FETHESP. São Paulo, Capital. – Professor convidado.
- Palestrante no 4<sup>o</sup> Simpósio Projeto Marazul. São Paulo, Capital.
- Palestrante no 1<sup>o</sup> Simpósio do Litoral Argentino de Salvamento Aquático. Concórdia, Argentina.
- Organizador e Professor de quatro Cursos de Salvamento Aquático realizados na Academia Projeto Acqua. São Paulo, Capital.
- Organizador e Professor de um Curso de Salvamento Aquático realizado na Academia PH5, Horto Florestal. SP, Capital.
- Colaborador do livro Emergências Aquáticas, editado pela Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático.
- 2003
- Participante no 3<sup>o</sup> Fórum de Educação Física dos Países do Mercosul. Foz do Iguaçu, Paraná.
- Participante no 2<sup>o</sup> Seminário de Ética do Profissional de Educação Física dos Países do Mercosul. Foz do Iguaçu, Paraná.
- Participante do Curso de Regras e Arbitragem de Natação da Federação Aquática Paulista. São Paulo, Capital.
- Apresentação oral do tema “Indicador antropométrico de atletas de alto nível” no 7<sup>o</sup> Congresso Paulista de Educação Física. Jundiaí, SP.
- Organizador e Professor de um Curso de Salvamento Aquático realizado na Academia Projeto Acqua. São Paulo, Capital.
- Organizador e Professor de um Curso de Salvamento Aquático realizado na Academia PH5, Horto Florestal. SP, Capital.

Organizador e Professor de dois Cursos de Salvamento Aquático realizados na Academia Sport Total, Freguesia do Ó. SP, Capital.

Organizador e palestrante do Projeto Palestras nas Escolas realizado na Escola Professor Jácomo Stavale – D.E. Norte, Freguesia do Ó. SP, Capital.

Eleito Diretor Administrativo da Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático (SOBRASA).

2004 Palestrante no 3º Simpósio Brasileiro de Salvamento Aquático. Camboriú, Santa Catarina.

Curso de Salvamento Aquático realizado no 8º Congresso Paulista de Educação Física. Jundiaí, SP. - Professor convidado.

Participante do Workshop de Fisiologia do Exercício e Performance Atlético do CEFISE. Campusnas, SP.

Palestrante no 1º Congresso Internacional de Salvamento Aquático. Estado de Vargas, Venezuela.

Curso de Atualização em Salvamento Aquático. Caraoa, Venezuela. – Professor convidado.

2005 Participante no 5º Fórum de Educação Física dos Países do Mercosul. Foz do Iguaçu, Paraná.

Participante no 2º Seminário de Ética do Profissional de Educação Física dos Países do Mercosul. Foz do Iguaçu, Paraná.

Apresentação em pôster do tema “Teoria do controle endêmico do afogamento” no 20º Congresso Internacional de Educação Física – FIEP. Foz do Iguaçu, Paraná.

Curso de Salvamento Aquático em Piscina – Liga de Medicina de Urgência da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. São Paulo, Capital. - Professor convidado.

Apresentação em pôster do tema “A intervenção do surfista no controle do afogamento” no 17º Congresso Brasileiro de Medicina Esportiva. São Paulo, SP.

Qualificado Guarda-Vidas Internacional de Arrebentação pela International Life Saving Federation.

Qualificado Guarda-Vidas Internacional de Águas Abertas pela International Life Saving Federation.

Qualificado Guarda-Vidas Internacional de Piscina pela International Life Saving Federation.

Qualificado Instrutor Internacional de Salvamento Aquático pela International Life Saving Federation.

Apresentação oral do tema “Relação cursos de extensão universitária e salvamento aquático na prevenção do afogamento” no 2º Congresso Regional de Ciências do Esporte & 4ª Semana de Educação Física do Uirapuru Superior. Sorocaba, SP.

Curso de Salvamento Aquático em Piscina realizado no 2º Congresso Regional de Ciências do Esporte & 4ª Semana de Educação Física do Uirapuru Superior. Sorocaba, SP. - Professor convidado.

Palestrante no 1º Congresso Internacional de Salvamento e Resgate e 1º Workshop de Salvamento e Resgate. Concórdia, Argentina.

## Dedicatória

Àquele que, para mim, é o maior e melhor salvador de vidas de todo o mundo: Deus.  
À minha amada Denise Correa, pelas horas de paciência e compreensão; e aos meus queridos Isabela Priscila, Maria Eduarda, Mateus e Mariana Correa Guaiano. Também aos meus sobrinhos Marcos e Alberto Máximo Guaiano.

## Agradecimentos

Em especial, agradeço ao meu pai Alfredo José Guaiano, a minha mãe Neusa Pinto Guaiano e ao meu irmão Aldir Pinto Guaiano, pelo incentivo nos momentos difíceis e compreensão nos momentos de ausência; aos meus irmãos paternos Ricardo da Silva Duarte e seus filhos: Simone Correia Duarte (Kika) e Ricardo Correia Duarte, e Anderson Dias Guaiano e seus filhos: Anderson Junior e Julia Victória Guaiano; aos meus ilustres orientadores Professor Mestre Edson Castardeli e Professora Mestre Angela Maria Furquim Carneiro, docentes da Universidade Paulista. Pela dedicação e empenho em nortear os rumos do meu trabalho, e por levar aos discentes da primeira turma do Curso de Educação Física da Universidade Paulista – campus Bauru, todo o seu saber, paciência e entusiasmo para fazer destes exemplos que, certamente, os tiveram como espelho de humildade, compreensão e conhecimento. O meu mais sincero agradecimento!

Do mesmo modo, agradeço a todos os meus Professores do Curso de Graduação em Educação Física pela dedicação, paciência e sabedoria. Primeiramente, os das

Faculdades Integradas de Guarulhos (FIG) na qual estudei os três primeiros anos de minha vida acadêmica. A saber: o Professor e Diretor José Benedito Fillippo Bernardes (handebol), as Prof<sup>as</sup>. Carmem (cultura vernácula), Cláudia Cortez (handebol), Greice Kelly (EF infantil), Renata Stark (ginástica), Silvana Wieczorek (biologia), Telma Marques (didática) e Telma Teixeira (estrutura); aos Prof<sup>s</sup>. Adriano Celante (EF infantil), Alfred Jacob (natação), Alteviri Haliski (basquetebol); Carlos Montalvani (psicologia), Edmur Stoppa (recreação e lazer), Euclides Filho (atletismo), Jaime Paulino (ginástica); Jorge (primeiros socorros), Junílio (filosofia), Lourival Faria (organização), Luciano Bernardes (anatomia), Luiz Henrique (história da EF e voleibol), Marcelo Baboghliuan (coordenador do curso de extensão universitária em salvamento aquático), Marcos Serra (antropometria e cinesiologia), Maurício Teodoro (antropologia e introdução a pesquisa científica), Neilton (atletismo), Nilton Coutinho (basquetebol), Olavo (ritmo), Paulo Roberto (futebol), Roberto Bidoy (natação), Rudney (fisiologia) e também a Srta. Elza e aos Srs. Hélio e Chiquinho; e depois, os da Universidade Paulista (UNIP) – campus Bauru, onde passei os dois últimos anos de minha vida como graduando. São eles: o Professor e Coordenador Gustavo Ribeiro da Motta (fisiologia), os Profs. Daniel Zorzetto (anatomia), Edson Lopes (futebol, futsal e marketing), Edson Maitino (metodologia da pesquisa científica), Fábio Orsatti (esporte de ataque e defesa & medidas e avaliações), Julio Wilson (desportos combinados, nutrição e monografia), Marcelo Papoti (estatística), Gabriela Tolo (lazer e recreação), além dos professores Edson Castardeli (EF geral e adaptada) e Angela Furquim (prática de ensino). Também, aos colegas discentes de ambas instituições de ensino, pela amizade e companheirismo em todas as horas que passamos juntos.

Poderia neste momento, dedicar um capítulo inteiro em reconhecimento aos profissionais da área de segurança aquática, desta Nação e do mundo, os quais têm

contribuído com dados, consultoria e inspiração, me encorajando para construir o material aqui exposto.

A compilação da grande variedade de experiências é o que torna este trabalho dinâmico, fazendo assim com que ele possa atender às necessidades desta profissão que comporta mudanças freqüentes.

Listar os nomes de todas as pessoas seria tarefa impossível, por isso confiamos que todos reconheçam nosso sincero agradecimento. Porém, sinto o dever de agradecer aos milhares de surfistas brasileiros e a todos os profissionais empenhados em difundir os métodos seguros de como prevenir e agir diante de situações de emergência na água, fazendo com que os índices de afogamento diminuam no Brasil e no mundo.

## Epígrafe

*“Voar como gaivota ou surfar como golfinho, na verdade, tanto faz, pois o verdadeiro espírito do surf emana de uma das formas de arte mais efêmeras que existe. Flutuar sobre as ondas é a manifestação mais autêntica desta forma de arte.” (SEQUEIRA, 2005).*

GUAIANO, Osni Pinto. **O emprego dos elementos do surf no salvamento aquático: concepções de professores e alunos do curso de graduação em Educação Física.** Bauru, 2005. 128 f. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Física) - Instituto de Ciências da Saúde da UNIP, Bauru, 2005.

## RESUMO

Este trabalho objetivou levantar dados sobre utilizar elementos intrínsecos do surf na prevenção e ação diante do afogamento, além de observar o entendimento de professores e alunos do curso de graduação em educação física sobre o assunto. O conhecimento acerca desses fatores suscita questões importantes relacionadas com aulas de salvamento aquático para a comunidade surfista e da mesma maneira, para a Educação Física escolar, principalmente, para crianças e jovens que encontram-se dentro da faixa etária de risco, que é de 0 a 14 anos. Com relação à amostra, obtivemos (n= 37) componentes da comunidade dos surfistas de peito, 94,59% do sexo masculino e 5,41% do sexo feminino. Anotamos que a maioria, 82% sente-se bem no mar, com ondas que variam de 1,5 a 2 m de altura. A maioria, 37,84% encontra-se na faixa etária entre 26 e 30 anos. Foram avaliados também, (n= 54) sujeitos componentes do sistema de educação superior, sendo 83,33% de graduandos, 3,7% de graduados e 12,96% de pós-graduados. Registramos que a maioria, 70% relataram que o surfista pode executar o serviço de prevenção, enquanto 74% confiam que o surfista pode executar salvamento enquanto pratica o surf. Entre os surfistas, 95% apontaram que gostariam de realizar curso de habilitação em salvamento aquático. Notamos também que 54% dos entrevistados não costuma adquirir revistas especializadas em surf de peito, principalmente porque elas ainda não existem, mas observamos que as de surf com prancha são abundantes e poderiam promover ensino e aprendizagem pela educação a distância. Todavia, sem conhecimento específico, 84% dos entrevistados informaram que já tomaram parte de salvamentos no mar, mas 30% asseguraram possuir medo ao realizar tais salvamentos, inclusive, do total, 32% afirmaram que já presenciaram mortes por afogamento. Finalmente, da amostra do sistema de educação superior, 85% observaram que os surfistas podem auxiliar pessoas se afogando, mas ressaltaram que necessitam de conhecimentos específicos e procedimentos adequados para realizarem salvamento no mar, apesar de, naturalmente, serem adaptados a este ambiente, e possuírem bom preparo físico. Esses resultados sugerem que medidas de educação para a prevenção devem ser direcionadas à população, principalmente aos surfistas, os quais têm como modo de vida, as ondas do mar. Promover cultura nesta comunidade é importante, pois ela está comprometida com a saúde. Abre-se também a possibilidade da educação preventiva ser discutida nas aulas de Educação Física escolar.

GUAIANO, Osni Pinto. **The employment of the elements of surf in aquatic rescue: conceptions of teachers and students of the graduation course in physical education.** Bauru, 2005. 128 f. Monograph (Full Graduation in Physical Education) - Institute of Sciences of the Health of UNIP, Bauru, 2005.

### ABSTRACT

This work aimed the search for data on how to use the intrinsic elements of surf in the prevention and action towards drowning, besides observing the understanding about the subject by teachers and students of the Graduation Course of Physical Education. The knowledge about these factors raised important questions related with classes of aquatic rescue for the surfers' community and at the same way, for the elementary teaching of Physical Education, especially for children between the ages of 0 to 14, who are within the age group at risk. According to sample (n= 37), components of the chest surfer community, 94,59% belong to the male gender and 5,41% to the female gender. We have noticed that the majority, 82%, feels comfortable on the sea, taking waves that vary from 1,5 to 2m of height. The majority, 37,84%, is within the group age from 26 to 30. We also evaluated (n= 54) individuals students from Superior Education Courses, of which 83,33% were senior students, 3,7% were graduates and 12,96% were postgraduates. We recorded that the majority, 70% declared that a surfer could execute the prevention work, while 74% believe that a surfer could execute the rescue while he or she is practicing surf. Among the surfers, 95% declared that they would like to accomplish a course in aquatic rescue habilitation. We also noticed that 54% of the interviewees have not had access to magazines specialized in chest surf yet because they are not available in our market, but we observed that there are many magazines on board surf and these could promote teaching and learning through long-distance teaching education. Nevertheless, without specific knowledge, 84% of the interviewees declared having already participated in ocean rescues, but 30% affirmed they were afraid when they participated in such rescues, and 32% affirmed having already witnessed deaths by drowning. Lastly, from the sample of the Superior Education System, 85% observed that surfers could help people at risk of drowning, but they pointed that they need specific knowledge and adequate procedures in order to perform ocean rescue, even though they are naturally adapted to this environment and possess good physical conditions. These results suggest that measures of education for prevention must be directed to the population, especially to the surfers, who adopt the waves of the sea as a lifestyle, and so, they could promote culture in their community, which has a compromise with health. Furthermore, there is the possibility of having a preventive education being discussed in classes of Physical Education at schools.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Duke Kahanamoku: segundo da direita para a esquerda.....	29
FIGURA 2	Ao centro Duke Kahanamoku e Wilbert E. Longfellow .....	31
FIGURA 3	Imagem pinta o processo evolutivo das pranchas de surf .....	34
FIGURA 4	O remar .....	37
FIGURA 5	O sentar sobre a prancha.....	38
FIGURA 6	Técnica tartaruga utilizada para evitar a turbulência da onda .....	39
FIGURA 7	Seqüência aponta a técnica joelhinho utilizada para evitar a turbulência da onda.....	40
FIGURA 8	Posição dos pés no momento em que ficar de pé sobre a prancha .....	41
FIGURA 9	Surfando de pé sobre a prancha.....	42
FIGURA 10	O <i>drop</i> da crista a base da onda.....	43
FIGURA 11	O tubo .....	44
FIGURA 12	Imagem do surfista levando uma queda e sendo jogado do <i>lip</i> diretamente para a base da onda.....	45
FIGURA 13	Golfinhos surfando numa onda .....	47
FIGURA 14	Seqüência aponta o momento em que o sujeito utiliza o corpo para surfar de peito a onda.....	48
FIGURA 15	Tube de Rogério Schefler durante o Pipeline Bodysurfing Classic, 2005 .....	50
FIGURA 16	Área de geração de ondas .....	55
FIGURA 17	A onda na Praia de Maresias – Litoral Norte de São Paulo .....	56
FIGURA 18	Anatomia da onda na linha de arrebentação.....	57
FIGURA 19	Imagem anatômica da corrente de retorno: Praia Brava em Arraial do Cabo – Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro .....	58
FIGURA 20	Desenho de como proceder para sair da corrente de retorno.....	59
FIGURA 21	Sinal de apelo de ajuda imediata .....	60
FIGURA 22	Sinal de alarme de animal marinho perigoso .....	62
FIGURA 23	Sinal para seguir na direção indicada .....	63
FIGURA 24	Sinal de fique onde está.....	64
FIGURA 25	Sinal para remar ou nadar para atrás da linha de precipitação .....	65
FIGURA 26	Sinal para que volte para a praia.....	66
FIGURA 27	Afogado inconsciente .....	70
FIGURA 28	Embarque da vítima consciente - método australiano.....	71

FIGURA 29	Prancha entre o socorrista e a vítima.....	72
FIGURA 30	Primeiros socorros dentro d'água (ver, ouvir e sentir).....	73
FIGURA 31	Embarque da vítima inconsciente.....	74
FIGURA 32	Remando para a praia .....	75
FIGURA 33	Corpo docente e discente do Projeto Salva Surf do CBMERJ, out 1999.	76
FIGURA 34	Seqüência aponta o embarque da vítima consciente método brasileiro ...	77
FIGURA 35	Procedimentos iniciais.....	78
FIGURA 36	Primeiros socorros dentro d'água.....	79
FIGURA 37	Procedimento inicial do embarque .....	80
FIGURA 38	Procedimento secundário do embarque.....	80
FIGURA 39	Seqüência indica o procedimento final do embarque.....	81
FIGURA 40	Corpo docente e discente do primeiro Projeto Surf Salva realizado em São Paulo .....	82
FIGURA 41	Salvamento com prancha na Praia do Forte em Cabo Frio .....	83
FIGURA 42	Traslado utilizando o reboque lateral .....	84
FIGURA 43	Reboque lateral.....	85
FIGURA 44	Traslado da vítima pelo reboque dorsal.....	85
FIGURA 45	Transporte australiano .....	86
FIGURA 46	Seqüência da imobilização e transporte de vítima com suspeita de trauma cervical sem a prancha de imobilização .....	87

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Mortalidade do afogamento no mundo.....	89
QUADRO 2	Cenário do afogamento no Brasil segundo Regiões.....	92
QUADRO 3	Panorama do afogamento no litoral do Estado do Rio de Janeiro de 1986 à 2004 .....	94
QUADRO 4	Panorama do afogamento no litoral do Estado de São Paulo de 1986 à 2004 .....	96
QUADRO 5	Panorama do afogamento no litoral do Estado do Espírito Santo de 1995 à 2004 .....	98
QUADRO 6	Observação de alguma morte por afogamento .....	108
QUADRO 7	Participação em algum salvamento no mar .....	108
QUADRO 8	Receio ou medo de realizar salvamento no mar.....	109
QUADRO 9	Oportunidade de auxiliar o Guarda-Vidas diante de salvamento no mar.... .....	109
QUADRO 10	Aspiração de participar de curso de capacitação em salvamento aquático .....	110
QUADRO 11	Compra de revistas especializadas em surf de peito .....	110
QUADRO 12	Condições de mar em que se sente à vontade praticando surf de peito.	111
QUADRO 13	Perfil dos graduados e graduandos em Educação Física .....	114
QUADRO 14	Crítica sobre o papel do surfista no auxílio de pessoa se afogando .....	115
QUADRO 15	Julgamento sobre já ter observado o surfista auxiliando em algum salvamento .....	115
QUADRO 16	Exame sobre o surfista realizar serviço de prevenção enquanto pratica o surf.....	116
QUADRO 17	Análise sobre o surfista realizar salvamento enquanto pratica o surf ...	116

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Idade dos surfistas segundo faixa etária .....	106
TABELA 2	Sexo dos surfistas de peito .....	106
TABELA 3	Escolaridade dos surfistas de peito .....	107
TABELA 4	Idade dos professores e alunos do curso de graduação em Educação Física.....	112
TABELA 5	Sexo dos professores e alunos do curso de graduação em Educação Física .....	112
TABELA 6	Nível dos professores de Educação Física e alunos .....	113

## SUMÁRIO

Termo de aprovação.....	3
Dados curriculares .....	4
Dedicatória.....	8
Agradecimentos .....	9
Epígrafe .....	12
RESUMO.....	13
ABSTRACT.....	14
LISTA DE FIGURAS.....	15
LISTA DE QUADROS .....	17
LISTA DE TABELAS.....	18
1 INTRODUÇÃO.....	22
1.1 Conceitos e definições.....	24
1.2 A origem do surf.....	26
1.2.1 <i>O surf moderno</i> .....	29
1.2.2 <i>De madeira maciça ao núcleo de espuma coberto por fibra de vidro e resina</i> .....	33
1.2.3 <i>Particularidades do surf com prancha</i> .....	35
1.3 O surfe de peito .....	46
1.4 Noções de oceanografia.....	53
1.4.1 <i>Vagas</i> .....	54
1.4.2 <i>Características das praias</i> .....	57
1.5 Comunicação por gestos.....	60
1.5.1 <i>Ajuda imediata</i> .....	60
1.5.2 <i>Alarme de animal marinho perigoso</i> .....	61
1.5.3 <i>Siga na direção indicada</i> .....	62
1.5.4 <i>Fique onde está</i> .....	63
1.5.5 <i>Remar ou nadar para dentro do mar</i> .....	64
1.5.6 <i>Volte à praia</i> .....	65
1.6 Técnicas de salvamento com prancha .....	66
1.6.1 <i>Consciente ou inconsciente</i> .....	69
1.6.2 <i>Rolo: método australiano para o afogado consciente</i> .....	70

1.6.3	<i>Rolo: método australiano para o afogado inconsciente.....</i>	71
1.6.3.1	<i>Primeiros auxílios dentro d'água.....</i>	72
1.6.3.2	<i>Embarque.....</i>	73
1.6.4	<i>Teste de 14 segundos.....</i>	75
1.6.5	<i>Método brasileiro: afogado consciente.....</i>	77
1.6.6	<i>Método brasileiro para o afogado inconsciente.....</i>	78
1.6.6.1	<i>Primeiros socorros dentro d'água.....</i>	78
1.6.6.2	<i>Embarque.....</i>	79
1.7	<i>Reboque.....</i>	84
1.8	<i>Transporte.....</i>	86
1.9	<i>Magnitude do problema.....</i>	87
1.9.1	<i>Cenário epidemiológico do afogamento no mundo.....</i>	88
1.9.2	<i>Panorama epidemiológico do afogamento no Brasil.....</i>	90
1.9.3	<i>Panorama epidemiológico do afogamento no litoral do Estado do Rio de Janeiro.....</i>	92
1.9.4	<i>Panorama epidemiológico do afogamento no litoral do Estado de São Paulo.....</i>	94
1.9.5	<i>Panorama epidemiológico do afogamento no litoral do Estado do Espírito Santo.....</i>	96
2	<b>OBJETIVOS.....</b>	99
2.1	<i>Objetivo geral.....</i>	99
2.2	<i>Objetivo específico.....</i>	99
3	<b>HIPÓTESE.....</b>	100
4	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	101
5	<b>METODOLOGIA.....</b>	102
5.1	<i>Técnica de coleta.....</i>	102
5.2	<i>Documentos.....</i>	103
5.3	<i>Origem da população.....</i>	103
5.4	<i>Amostra.....</i>	104
5.5	<i>Tratamento dos dados.....</i>	104
6	<b>RESULTADOS.....</b>	105
6.1	<i>Perfil dos surfistas de peito.....</i>	105
6.2	<i>Concepção dos surfistas de peito.....</i>	107
6.3	<i>Perfil dos graduandos e graduados em Educação Física.....</i>	111
6.4	<i>Concepção de professores e alunos do curso de graduação em Educação Física.....</i>	115

7	DISCUSSÃO .....	117
8	CONCLUSÃO .....	123
9	REFERÊNCIAS .....	125
10	ANEXOS .....	130
10.1	Anexo A – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE TEXTOS .....	130
10.2	Anexo B – INSTRUÇÕES GERAIS DO QUESTIONÁRIO PARA OS SURFISTAS DE PEITO .....	131
10.3	Anexo C – INSTRUÇÕES GERAIS DO QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES E ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	135

## 1 INTRODUÇÃO

Não cabe dúvida de que o conhecimento e a prática do socorrismo caem dentro da temática da Educação Física.<sup>3</sup> Atualmente o mercado de trabalho tem necessitado de profissionais cuja visão abranja mais do que o conhecimento técnico específico para as várias ocupações disponíveis. Este trabalho permite o estudo e o aprendizado da área do saber que possibilita segurança, qualidade de vida, versatilidade, flexibilidade, criatividade e, sobretudo, atividades que buscam o bem estar da população.

Os dados da Diretoria de Hidrografia e Navegação<sup>6</sup> apontam que a temperatura média da superfície do mar o longo da costa brasileira é de  $22,97^{\circ}\text{C} \pm 2,31$ . Esta temperatura favorece ao segmento “Esportes Radicais”, principalmente o surf que vem apresentando crescimento considerável quando comparado a outros esportes, pois a identificação com a população jovem, desafiadora e inovadora é imediata.

Com dados de Brasmarket (Gazeta Mercantil), Baboghluian (2001)<sup>5</sup> revela que o surf possui 3,5 milhões de praticantes no Brasil e também aponta que, segundo a revista americana “Surfer”, especializada no assunto, o Brasil é a terceira nação em número de praticantes perdendo por pouco, para EUA, incluindo o Hawaii, e a Austrália.

A costa brasileira possui em torno de 7,9 mil quilômetros em toda sua extensão.<sup>7</sup> Para Steinman et al.(2000),<sup>53</sup> a prática do surfe nas praias brasileiras tem atraído cada vez mais crianças e adolescentes.

Em 1998, constatou-se que no Brasil aconteceram cerca de 1,3 milhões casos de afogamento, aproximadamente oito mil vítimas chegaram ao óbito, quase 65% destas mortes foram crianças.<sup>56</sup> Esta é a resumida radiografia do afogamento no Brasil.

Infelizmente, ser um exímio surfista e ter bom preparo físico não são garantias para sair de situações de perigo iminente, mas a maioria acha que saber surfar ou nadar é o suficiente para evitar o afogamento ou mesmo para ajudar alguém que está se afogando. É claro que tais conhecimentos ajudam, mas só mesmo quem conhece as técnicas de salvamento aquático pode realmente enfrentar situações de perigo e pânico e conseguir escapar do perigo de vida.

Mar revolto, escuridão, temperatura baixa, adrenalina altíssima são alguns fatores que podem prejudicar o salvamento no mar. Com algumas técnicas como o nado específico de reboque, por exemplo, e com a utilização de equipamentos e materiais que auxiliem o serviço de salvamento aquático é possível vencer o perigo e se salvar, ou salvar alguém.

## 1.1 Conceitos e definições

Seguimos nosso trabalho, primeiro pelo estudo etimológico de alguns vocábulos, a começar pelo surf. Na concepção de Arczyńska (2005),<sup>4</sup> a palavra inglesa *surf* / *surf*ar – *surfing* (também *suff* ou *suffe*), tem sua origem no final do século XVII, tem, aparentemente, o sentido original do ‘impulso da água formando ressaca’. É, então, um item lexical onomatopaico. Arczyńska revela também que devido o esporte ser praticado na crista das ondas, poder-se-ia justapor *surface* / *superfície* a *surf*. Assim, o inglês *surface*, originário do derivado francês *surface*, tem o prefixo *sur* –, forma contrata do latim *super* –, daí *superfície* (*facie*).

Ao sair do elemento líquido, comenta Arczyńska, onde este esporte (com prancha ou sem ela) tem encontrado número cada vez maior de adeptos em todo o mundo, por *conotação semântica*, levou o homem a adaptá-lo à neve, ao ar, e outros, sempre perigosamente, a inventar outra modalidade, urbana – o *surfe ferroviário* – como pingentes viajando em cima do teto do trem, no máximo pulando de um vagão para o outro.

Verificando outros conceitos, constatamos que saúde é o estado de bem estar físico, mental e social completo e não meramente a ausência da doença ou da enfermidade.<sup>61</sup> Esta observação nos leva a pensar que falta de saúde causa baixa qualidade de vida.

Para Jenicek e Cléroux (apud Maitino, 1998),<sup>30</sup> doença é algum desajustamento ou mesmo falha nos mecanismos de adaptação do organismo ou ainda a ausência de reação aos estímulos a cuja ação está exposto. Este processo pode resultar na perturbação da estrutura ou função de um órgão, ou de um sistema ou ainda, de todo o organismo. De modo simplista, a doença pode ser entendida como desvio da normalidade.

O afogamento tem origem no latim *affogare*,<sup>19</sup> definido com evento que resulta em desconforto respiratório provocado pela submersão ou imersão em líquido.<sup>59</sup> O evento afogamento, além do desconforto respiratório, pode ocasionar a morte, com a possível inundação do aparelho respiratório. Neste sentido, saber manter-se no meio aquático deve ser considerado como elemento de saúde, pois além do seu caráter utilitário, saber nadar e saber salvar podem ter significado relacionado a saúde.

A doença que existe constantemente em determinado lugar e ataca número maior ou menor de indivíduos, chamamos de endemia.<sup>19</sup> O Brasil, por se tratar de país tropical, favorece a prática da natação e do surf, mas ao mesmo tempo acontecem milhares de casos de afogamento durante todo o decorrer do ano, vitimando número maior ou menor de pessoas.

Será que neste contexto estaria correto qualificar o evento afogamento como um fenômeno endêmico no Brasil?

Esta questão, possivelmente, só poderá ser contestada após a análise da magnitude do problema no Brasil. Porém, o afogamento é sem dúvida um episódio que a cada dia tem se tornado ainda mais necessário de ser estudado pela sociedade do conhecimento, principalmente visando informar e ensinar como prevenir e agir na presença destas ocorrências.

Novaes e Novaes (1994)<sup>34</sup> entendem que primeiros socorros é o tratamento aplicado de imediato ao acidentado ou portador de mal súbito, antes da chegada do médico e chamam de socorrista à pessoa que está habilitada à prática dos primeiros socorros, utilizando-se dos conhecimentos básicos e treinamento técnicos que o capacitam para este desempenho.

O termo salvamento aquático tem sua origem no latim *aquaticu salvare*. Este termo é derivado da relação entre a palavra salvar (*salvare*) que significa *tirar ou livrar do perigo* e da palavra aquático (*aquaticu*) que expressa *pertencente à água*.<sup>19</sup> Assim, neste estudo o termo

salvamento aquático será considerado de maneira específica e geral. Específica quando seu objetivo for tirar ou livrar alguém que sofre perturbação da saúde pelo desconforto respiratório ou inundação do aparelho respiratório por líquidos não corporais, e geral quando a meta se configura na prevenção que acarreta na melhora da qualidade de vida.

## 1.2 A origem do surf

A prática humana de dispositivos flutuantes como ferramenta auxiliar do nado em mares, em lagos e em rios é muito antiga. Qualquer coisa que flutuasse poder-se-ia o homem antigo usar como ferramenta utilitária, seja para a caça, a coleta ou para a pura expressão de suas habilidades.<sup>52</sup> Em Atos dos Apóstolos (27:37-44),<sup>1</sup> escrito por Lucas (65 – 70 dC), há o relato do naufrágio sofrido por Paulo, no qual a tripulação e outros tiveram de cair no mar e nadar até a ilha mais próxima, então Malta, situada ao sul da Sicília: *"O Centurião porém, querendo salvar Paulo (...) ordenou que aqueles que pudessem nadar fossem os primeiros a lançar-se ao mar (...) uns atingiram a terra em tábuas, outros em cima de destroços do navio. "Todos se salvaram"*.

Porém, foi nas sociedades primitivas do Pacífico que a prática do *surfe* originou-se, nas áreas costeiras em frente ao alto mar. Os primeiros registros foram realizados pela comissão do Capitão Inglês Sir James Cook.<sup>4</sup> No século XVIII, Sir Cook, a serviço da Coroa Britânica revistaria o oceano pacífico, em busca de especiarias e de outros interesses da coroa.

A chegada do comandante inglês ao arquipélago havaiano foi festejada pelos nativos, pois estes aguardavam um grande pássaro branco vindo do mar e, coincidentemente, toda a velaria e casco da embarcação de Cook era alva como a profecia dos insulanos. O povo, em polvorosa, foi ao encontro da comissão estrangeira como podiam, seja sobre velozes

embarcações de casco duplo (os *outriggers*), pequenas canoas ou mesmo sobre primitivas tábuas conhecidas por *pa'epo*, comenta Sequeira (2005).<sup>52</sup>

Somente as altas classes havaianas tinham direito de surfar nas pranchas, feitas a partir de madeiras sagradas e os demais nativos surfavam sem pranchas.<sup>52</sup> Entende-se que, desde muito tempo, o surfe de peito é um desporto popular. Somente no século XX, com a intensidade da exploração inglesa e a perseguição protestante contra os rituais havaianos, é que se pode ver alguns “*watermen*”, surfando sobre pranchas, resgatando as antigas práticas, mesmo que proibidas.

Sem saber, hoje, reproduzimos a prática secular da realeza havaiana: o *paepoboarding*, que é uma prancha feita de madeira com comprimento de três a sete pés e largura; ela é a origem das atuais pranchas de surf. As primeiras pranchas de *pa'epo* datam épocas remotas. Foram os primeiros dispositivos flutuantes usados ludicamente no meio líquido em todo o Pacífico.<sup>52</sup> Os nativos que James Cook avistou em sua chegada no arquipélago havaiano, também usavam os *pa'epo* na prática lúdica de deslizar por sobre as ondas; a de flutuar na rebentação, em deltas ou mesmo em cachoeiras. Esta brincadeira era praticada por todas as classes, sem distinção de sexo ou idade.

A hipótese de Sequeira (2005),<sup>52</sup> é que, a prática do surfe nasceu intuitivamente da necessidade do ser humano transcender as suas usuais técnicas de sobrevivência, quando em algum momento de sua vida se viu necessária a utilização de um dispositivo que o fizesse flutuar na superfície da água, mantendo-o assim, vivo.

Todavia, após o conhecimento local desta técnica, o dispositivo flutuante deixou de ser usado somente com fins de sobrevivência e caiu em vulgaridade, tornando-se também parte do sistema lúdico da comunidade, como um passatempo, uma brincadeira.

*O homem primitivo desenvolveu técnicas para sobreviver com o auxílio de dispositivos flutuantes, porque com estes artificios é mais fácil, e este também adquiriu conhecimento específico na prática do nado utilitário, no certame tecnológico do uso do corpo na auto-propulsão com o menor arraste, reduzindo assim o gasto de energia, quando não havia meios de conseguir um objeto que fosse mais leve que a água (SEQUEIRA, 2005).<sup>52</sup>*

Os relatos de Kenneth Emory, médico inglês que viveu no Havaí no século 19, revela o surfe como componente da celebração anual dos havaianos, chamada *Makahiki*.<sup>52</sup> Da segunda quinzena de outubro até a segunda quinzena de janeiro, os havaianos paravam de trabalhar, relaxavam e passavam a maior parte do seu tempo dançando, festejando e praticando esportes. Milhares se reuniam para assistir os famosos torneios dentre os quais incluíam os de surfe e de natação no mar.

O motivo dessas competições, conta Sequeira, era aproximarem-se dos deuses. Os competidores faziam orações e oferendas para vencerem. Quando sentiam que estavam em relações harmônicas com as forças misteriosas, acreditavam que era absolutamente provável realizarem os feitos notáveis. Do contrário, temiam a força do mar. Foi aí que o protestantismo adentrou no Havaí, desonrando o seu panteão e exigindo que trabalhassem.

Sequeira (2005)<sup>52</sup> entende que os homens, componentes daquele povo, por suas múltiplas práticas desportivas no mar eram chamados de “*watermen*”. Os *watermen* viviam intimamente ligados ao mar e sabiam surfar com ou sem pranchas. Muito se falou do surfe, afinal era uma prática sagrada, mas o surfe de peito sempre existiu, mesmo como treino e preparo para surfar as grandes ondas. As gerações seguintes praticavam natação no mar, travessias e todavia, surfe de peito, a exemplo de Duke Kahanamoku, que foi medalhista olímpico de natação (1912,1920,1924,1932) e de pólo aquático (1932).

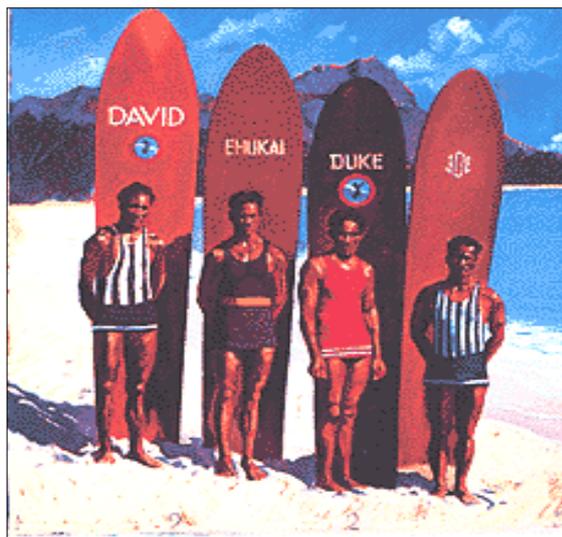
Outro importante *Beach Boy*, George Freeth, considerado o Pai do Surfe na Califórnia, nasceu no Hawaii (1883), narra Sequeira. George surfou pela primeira vez na

prancha de seu tio, um príncipe havaiano, aos 16 anos. Foi instrutor de natação e condecorado com a *Carnegie Medal* pelo Congresso Americano por sua bravura, por ter salvo sete pescadores japoneses durante uma terrível ressaca na costa havaiana, em dezembro de 1908.

### 1.2.1 O surf moderno

No entendimento de Fernandes (2002),<sup>18</sup> até o início do século 20 o surf permaneceu “por baixo” até conhecer o nome do “Pai do Surf”, Duke Paoa Kahanamoku, foi quem manteve o surf verdadeiramente vivo graças à sua simples e pura persistência pelo esporte dos reis (figura 1). Até então, o mundo não tinha idéia do que era o Hawaii, muito menos sobre o surf. Entretanto, nas Olimpíadas de 1912, em Estocolmo, Duke Kahanamoku ganhou uma medalha de ouro na natação quebrando o recorde mundial nos 100 m estilo livre e uma de prata no revezamento 4 x 200.

FIGURA 1 - Duke Kahanamoku: segundo da direita para a esquerda



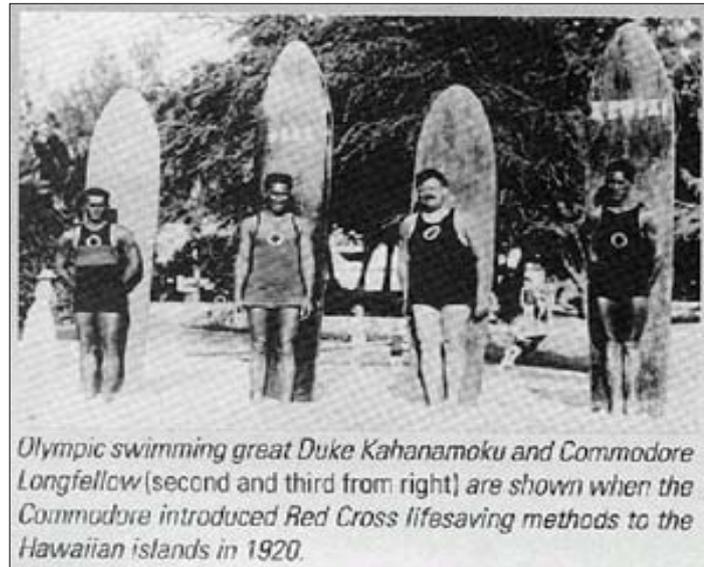
Fonte: (SZPILMAN, 2001)<sup>56</sup>

O mundo conheceu Duke Kahanamoku Duke, a saber, surfista da praia de Waikiki, situada no arquipélago havaiano e também que o surf era o ato de cavalgar as ondas do mar utilizando-se uma prancha. Esta foi provavelmente a primeira vez que o mundo moderno ouviu falar do Hawaii e do surf. Oito anos mais tarde, revela Fernandes (2002),<sup>18</sup> nas Olimpíadas de Antuérpia, Duke, aos 30 anos de idade, conquistou medalhas de ouro e graças a esse feito, provou ser o nadador mais rápido do mundo. Somente nas Olimpíadas de Paris é que Duke perdeu sua colocação para um nadador bem mais jovem do que ele, chamado Johnny Weismuller, que anos mais tarde, torna-se ator de Hollywood, interpretando filmes no papel de Tarzan. Ao menos foi inevitável o Rei das Selvas para vencê-lo.

Pensando em aprimorar, promover, supervisionar e disseminar seu conhecimento pelo mundo, ajudando a prevenir as pessoas e preparando-as para responder às emergências, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), fundado em 1863, realça sua filosofia aquática pela Cruz Vermelha Americana (CVA), a partir de em 1914, quando o Comodoro Wilbert E. Longfellow foi iniciado no Corpo de Salvamento da CVA, contribuindo assim, para a dramática redução do número de vítimas por afogamento. Neste mesmo ano, a CVA funda a *Life Saving Service* (SLS) - (Serviço de Salvamento de Vidas), com Longfellow como pioneiro.<sup>41</sup>

Em 1920, Longfellow e o Campeão Olímpico Duke Kahanamoku (figura 2) incorporam à Cruz Vermelha o método de salvamento aquático com prancha, material este utilizado pelos havaianos da época. Estes métodos então, passam a ser difundidos pelo mundo.

FIGURA 2 - Ao centro Duke Kahanamoku e Wilbert E. Longfellow



Fonte: (SZPILMAN, 2001)<sup>56</sup>

Durante período ativo, a fama de Duke crescia às custas de suas vitórias olímpicas. Ele sabiamente tirava proveito de tal fama objetivando beneficiar as coisas que amava: o solo havaiano, seu povo e o surf. Duke amava o surf mais do que a natação e era o melhor surfista da época. Após sua vitória em Estocolmo ele inseriu o surf nos Estados Unidos da América, em 1913, e na Austrália, em 1915. Graças à sua posição de campeão olímpico, seus esforços não foram em vão. Seu empenho em propagar o surf vingaram e floresceram, formando o fundamentando o Surf da Era Moderna. Ele morreu em 1986, aos 94 anos, mas é lembrado até hoje como o PAI DO SURF MODERNO.<sup>18</sup>

No Brasil, comenta Fernandes (2002),<sup>18</sup> as primeiras pranchas, chamadas de "tábuas havaianas", foram trazidas por turistas. A história começa em 1938, provavelmente, com a primeira prancha brasileira feita em São Paulo, a partir da matéria de uma revista americana,

que forneceria as características deste equipamento. Fabricada então, a prancha, pesava entorno de 80 kg e media quase 3,6 m.

Em 1950, inspirados nas pranchas de balsa em que certo piloto comercial americano da rota Hawaii - Rio trouxera numa de suas viagens, os cariocas construíram pranchas de madeira. Elas não tinham nem flutuação tampouco envergadura. Doze anos mais tarde, se origina método para conferir envergadura aos pranchões<sup>1</sup>. Em São Paulo, Homero Naldinho, com 14 anos, fazia suas primeiras madeirites com cerca de 2,2m.

Em 1963, começa-se a *shapear* (dar forma ao bloco da prancha) as primeiras pranchas de isopor, utilizando-se lixa grossa presa à peça de madeira. Este equipamento utilizado para composição das pranchas chamava-se “madeirão”. Na ocasião, levava-se dois dias para fazer uma prancha. A referência era uma foto de revista. Um ano depois, o australiano Peter Troy, traz para o Brasil *outlines* e noções de *shapear* de seu país. Na confecção das pranchas utilizavam o madeirão, ralador de coco e a grossa. Mais tarde surgiu o bloco importado de isopor "*Suform*". Enquanto isso, em São Paulo, Homero fazia as primeiras pranchas de madeira oca. inspirado em pranchões estrangeiros.

Em 1965, cita Fernandes (2002),<sup>18</sup> o Coronel Parreiras fundou a primeira fábrica de pranchas no Brasil, a São Conrado Surfboard, no Rio de Janeiro. Parreiras adaptou para o *shape* uma técnica usada no aerodelismo: após colar a *longarina* (tira longitudinal de madeira que une as duas metades do bloco e serve para aumentar a resistência a impactos da prancha) com a curva desejada, usava fio quente para cortar o fundo e o *deck* (parte de cima da prancha onde o surfista coloca os pés) acompanhando a curva da longarina, e a seguir cortava o *outline*. Mais tarde, Carlos Mudinho também passou a *shapear* na São Conrado. Enquanto

---

<sup>1</sup>Sr. Moacir é o nome do personagem que criou, no Rio de Janeiro, a técnica para dar envergadura aos pranchões.

isso, em São Paulo, construía-se pranchões de madeira envergados com calor. Mas logo aderiram ao isopor e a técnica do fio quente, a exemplo do pioneiro Parreiras.

Em 1969, Parreiras lança o poliuretano branco com química importada “*Clark Foam*”. Paralelamente, Homero cria a primeira fábrica de pranchas de São Paulo e passa a comprar blocos *Clark Foam*, do Cel. Parreiras. Inovador, Homero alcançou popularidade em todo o Brasil. Em 1970, o surf explodiu, e a moda era *shapear* a própria prancha.

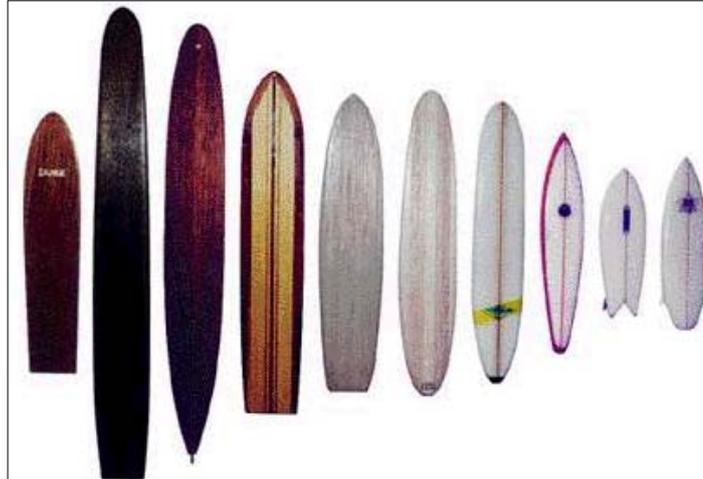
### 1.2.2 De madeira maciça ao núcleo de espuma coberto por fibra de vidro e resina

Está contido na *Surf Life Saving Association Australian* (1991)<sup>54</sup> que as primeiras pranchas de surf eram feitas de madeira maciça, mas a partir da década de 30 até o início da década de 50, as pranchas ocas passam a pesar de 15 à 20 kg e medir de 4 a 5 metros de comprimento. O formato e o tamanho da prancha dificultava bastante sua manobra, mas com o incremento dos plásticos, as pranchas entraram numa nova era, na década de 50.

Inicialmente, as novas pranchas constituíam-se de madeira de balsa recoberta com fibra de vidro, evoluindo (figura 3) para o núcleo de espuma, no final da década. Tornaram-se relativamente leves cerca de 8 kg e curtas de 2,5 a 3 metros, e passaram a ter quilhas, chamadas de talões, que permitiam paradas súbitas e mudanças de direção.

Atualmente, as pranchas de surf são equipamentos sofisticados leves e pequeno que reagem à menor transferência de peso. Elas podem ser de quilha única, as tradicionais (*single fins*), duas (*twin-fin*) ou ter três quilhas (*thruster*), sendo que esta última, representa mais de 75% de todas as pranchas que estão sendo fabricadas hoje em dia.

FIGURA 3 – Imagem pinta o processo evolutivo das pranchas de surf



Fonte: (INTERNATIONAL SURFING MUSEUM, 2005)<sup>27</sup>

As pranchas, na maioria são produtos artesanais, variando entre si. Elas são medidas em pés e polegadas, ou seja, o um pé equivale a 33,48 cm, enquanto a polegada 2,54 cm. O interior das pranchas modernas é composto por espuma de poriuletano ou isopor, revestida de fibra de vidro ou epóxi, respectivamente.

Nos anos 60 e 70 predominaram as *single fins*. A *twin-fin* apareceu por volta de 1978, como opção para ondas pequenas. Mark Richards, tetracampeão mundial (79-80-81-82), dominou as competições usando seus modelos. Por volta de 1981, Simon Anderson inventou a *thruster* (três quilhas), e ganhou três etapas do circuito mundial com seu novo modelo. Anderson venceu o *Coke Bell's* na Austrália e o *Pipe Máster* no Hawaii, consolidado assim a eficiência das três quilhas, modelo usado até hoje.<sup>25</sup>

A prancha pode possuir uma linha usada nas bordas próximo a parte de trás do equipamento, o que a deixa mais solta e com resposta rápida aos comandos do surfista.

Aproximadamente, em 1968, as pranchas de surf evoluíram do pranchão (*longboard*) - modelo baseado nas pranchas antigas - para pranchinha (*mini-model*), as quais, estão até hoje sendo aperfeiçoadas. Os pranchões são ótima opção para iniciantes, principalmente, para aprender a ficar em pé.

### 1.2.3 Particularidades do surf com prancha

O levantamento epidemiológico realizado por Steinman et al. (2000)<sup>53</sup> com objetivo de caracterizar e descrever a incidência das lesões no surf revelou três grupos de praticantes, a saber: os surfistas amadores, os profissionais e recreacionais.

O surf é um esporte individual equilibrístico com categorias infantil, juvenil e adulto. É praticado por ambos os sexos e contribui para desenvolver as capacidades condicionantes (força, resistência, velocidade e flexibilidade) e as coordenativas (coordenação, agilidade, equilíbrio - dinâmico, estático e recuperado). Steinman et al. (2000)<sup>53</sup> entendem que o surf requer nível de habilidade neuromuscular e envolve movimentos dos membros superiores, inferiores e da coluna vertebral.

Na concepção de Almeida (2001),<sup>2</sup> o surf, como todos os outros esportes, tem pontos positivos e negativos. O surf é considerado esporte radical, mas também muito saudável, porque ao mesmo tempo em que oferece lazer às pessoas, condiciona-as fisicamente, melhorando assim a qualidade de vida do praticante. Todavia, Almeida também faz observações antagônicas sobre o esporte e descreve que o surf só pode ser praticado em locais banhados pelo mar; é perigoso dependendo do mar em que se é praticado; é causador de desvios na coluna em alguns surfistas, devido ao fato do praticante ao remar sobre a prancha, e

ao mesmo tempo, estar com a cabeça erguida e o tórax levantado para poder observar melhor o andamento das ondas.

As relevantes observações relatadas por Almeida, se manifestam em Steinman et al. (2000)<sup>53</sup> ao citarem alta prevalência de dores lombares recorrentes e dores no pescoço.

O surf é um grande esporte e uma grande terapia, porque está ligado à natureza, o que apesar de ser muito difundido e praticado, necessita ser descoberto por muitas pessoas e contrair esta vivência em piscinas é uma boa oportunidade para as pessoas que vivem longe do mar, explica Almeida (2001).<sup>2</sup> O surf é um esporte positivo biopsicossocialmente, de intensidade que varia entre o suave e o intenso. Composto por elementos rudimentares (remar, sentar e girar), fundamentais (transpor a linha de arrebentação e ficar de pé ao descer uma onda) e avançados (manobras). Sua coordenação neuromuscular varia entre o simples e o complexo, quando praticado nas ondas é considerado como o esporte dos reis.

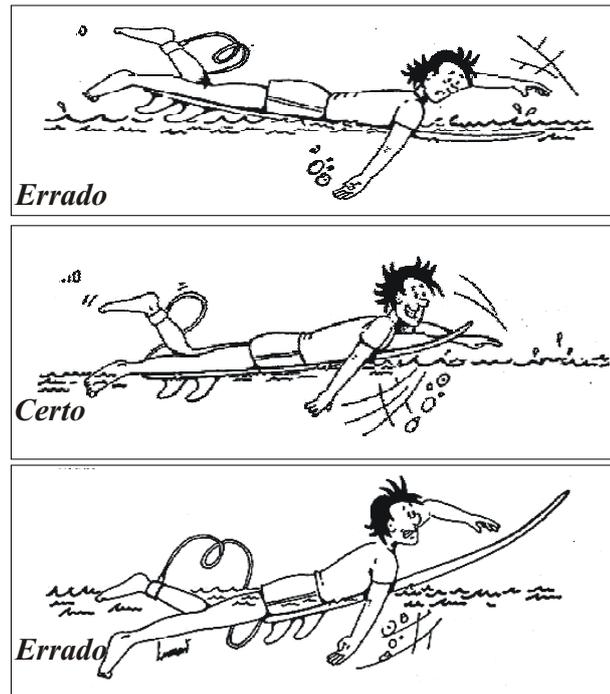
Para o aprendizado dos elementos rudimentares do surf é necessário, primeiramente, aprender a deitar sobre a prancha (figura 4). No entendimento de Halász (1999),<sup>25</sup> o principiante não pode ficar muito na frente em relação ao centro da prancha, para que não embique, tão pouco, ficar para trás, para que o bico não fique levantado em demasia. É necessário então, dominar o centro de gravidade da prancha.

As orientações, na íntegra, são as seguintes:

- Após este aprendizado é imprescindível então, remar. Para remar, alterne os braços como o nado estilo crawl, junte as pernas e flexione os joelhos. No começo, a tendência é remar com as pernas abertas, para maior estabilidade, mas para uma boa remada junte os calcanhares, levante o tórax e olhe para o horizonte, braçada após braçada. Para treinar o remar ache um lugar sem ondas, fora da arrebentação, de

preferência numa piscina, para apenas dominar esta técnica e depois de apreendido a lição, remar no mar direção as ondas.

FIGURA 4 – O remar



Fonte: (HALÁSZ, 1999. p. 6)<sup>25</sup>

- E continua: depois de aprender a deitar e remar é preciso saber sentar sobre a prancha para esperar a vinda da onda. Ao sentar é importante distribuir o peso do corpo sobre o ponto certo na prancha.<sup>25</sup> O ideal é sentar de maneira que o bico da prancha fique erguido cerca de 45° graus em relação ao espelho d'água. Seguro a borda da prancha o principiante terá o privilégio de observar o mar de ângulo privilegiado (figura 5).
- Encontrando-se sentado e observando o oceano, se quiser girar para a praia, para então descer a onda, segure a prancha com uma das mãos e gire-a pelo lado o qual

segurou a borda da prancha, ou seja, caso tenha segurando a prancha com a mão esquerda, gire pela esquerda, se segurou à prancha com a mão direita, gire pela direita. Para auxiliar esta manobra, reme com o braço contrário e circule simultaneamente as pernas por sob a prancha. Procedendo assim, você vai poder girar a prancha, na hora que aparecer a sua onda.

FIGURA 5 – O sentar sobre a prancha

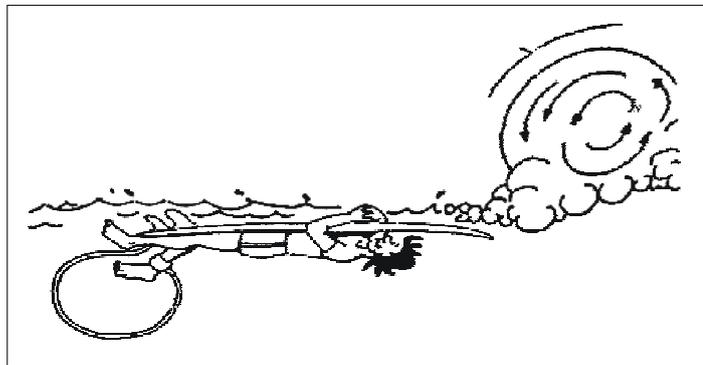


Fonte: (HALÁSZ, 1999. p. 6)<sup>25</sup>

- Após termos apreendido informações sobre os elementos rudimentares é necessário alcançar o aprendizado dos elementos fundamentais, ou seja, transpor a linha de arrebentação das ondas e ficar de pé sobre a prancha. Para transpor a linha de arrebentação é indispensável remar até onde as ondas quebram. Inicie o caminho até as ondas caminhando com a prancha, deslizando-a por sobre a água até a água chegar na linha do quadril então, é a hora de deitar sobre a prancha e sair remando.

- Utilize a manobra conhecida como tartaruga quando estiver utilizando pranchas maiores (os pranchões). Ao se aproximar da turbulência das ondas, saia da prancha e vire-a de quilha para cima e com ambas as mãos, segure com firmeza próximo ao bico (figura 6). Desta maneira, você sob a prancha estará protegido da turbulência, pois o espumeiro passará por cima.

FIGURA 6 – Técnica tartaruga utilizada para evitar a turbulência da onda

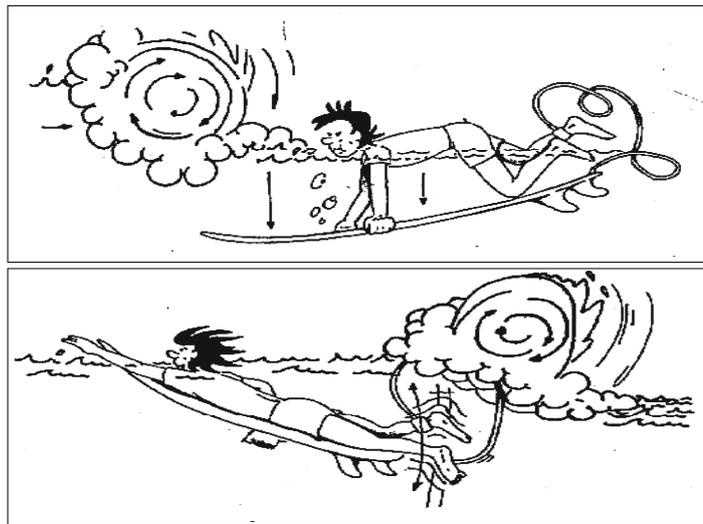


Fonte: (HALÁSZ, 1999. p. 7)<sup>25</sup>

- Outra manobra para transpor as ondas é a técnica chamada joelhinho. Ela é mais utilizada com pranchas menores, as *mini-model*. Para realizar esta técnica, joelhinho, deve-se remar na direção da onda. Quando a onda estiver se aproximando de você, segure, com ambas as mãos na borda da prancha e force-a a submergir,<sup>25</sup> utilizando para isso, ao mesmo tempo, o auxílio do joelho e do pé de uma das pernas (figura 7). Ou seja, com o joelho sobre a prancha afunde a prancha por inteiro e espere a onda passar. Quando perceber que está embaixo da onda, coloque mais peso na parte de

trás da prancha, a fim de levantar o bico, para emergir junto com a prancha. Ao emergir atrás da onda, estará em posição para remar e pronto para a próxima onda.

FIGURA 7 – Seqüência aponta a técnica joelhinho utilizada para evitar a turbulência da onda

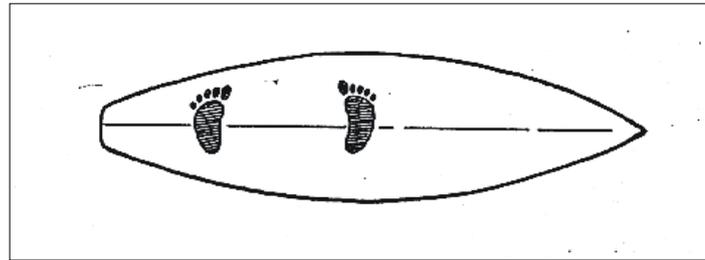


Fonte: (HALÁSZ, 1999. p. 7 e 8)<sup>25</sup>

- Já para ficar de pé, a melhor maneira de aprender é treinando em terra firme. Para este aprendizado o aluno deve, primeiramente, deitar-se no chão, em decúbito ventral, imaginando-se numa prancha, remando. Na prática, quando sentir que pegou a onda (está na velocidade da onda) é a hora de se levantar e ficar de pé. Com os cotovelos flexionados, mãos na altura do peito, como fosse a borda da prancha, levantar-se de um salto. Primeiro agachado e depois de pé.<sup>25</sup>

Os pés devem ficar na forma a baixo (figura 8), perpendicular a longarina da prancha.

FIGURA 8 – Posição dos pés no momento em que ficar de pé sobre a prancha



Fonte: (HALÁSZ, 1999. p. 7)<sup>25</sup>

- Para o primeiro contato, as espumas na beirada são um prato cheio. Reme até o meio da arrebentação e espere pela massa de espuma que tenha bastante energia. Ao remar na frente da espuma, procure primeiro se equilibrar deitado e depois com a vivência ficar de pé. Equilibre-se!

Ao ficar ereto, o pé que estiver voltado para o bico da prancha deve ficar ligeiramente virado para frente. Treine isto cerca de 50 vezes em terra, antes de fazê-lo dentro d'água. Domine a prancha ao ficar de pé (figura 9). O surfista ao se desequilibrar e cair deve jogar-se para o lado da prancha, evitando assim, cair na frente ou em cima da prancha,<sup>25</sup> pois a maioria das lacerações e contusões são causadas por queda sobre a prancha ou pelo contato com quilhas, bico ou rabeta<sup>2.53</sup> Então, no momento da queda é importante que o surfista jogue-se para o lado em relação à prancha.

<sup>2</sup> Para Jonas Furtado, a rabeta, ou parte de trás da prancha, é um elemento importante que faz a diferença no modo em que se surfa. Mais adiante, ele aponta sete tipos de rabetas. A saber: pin, round, square, squash, swallow, half moon tail e wing (GUIA DAS PRANCHAS, FLUIR, n. 192).

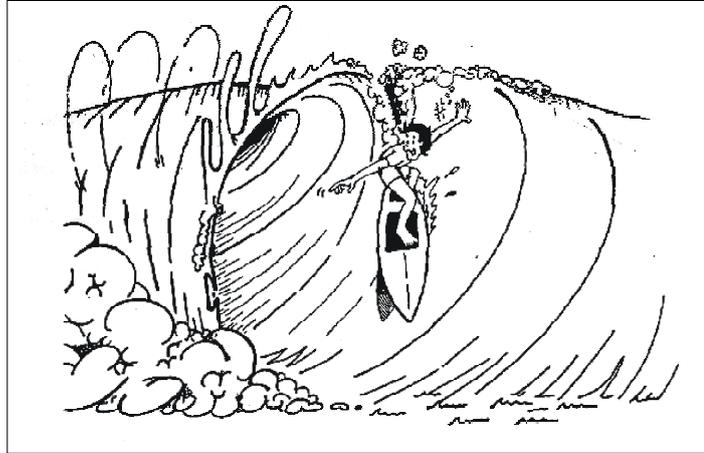
FIGURA 9 – Surfando de pé sobre a prancha



Fonte: Imagem de arquivo

- Para a prática dos elementos avançados: as manobras, é imprescindível aprender a ficar de pé e descer suavemente da crista até a base da onda (figura 10). O *drop* é o elemento que permitirá ao aprendiz as primeiras vivências com este objetivo, pois tão logo virão as mais ousadas manobras, tais como: curva ou cavada; *frontside* e *backside*; *cutback*; batida; *floater*; *lady back*; 360°; *aerial*; *snap*; *tail slide*; tubo; *grab rail* e outras.

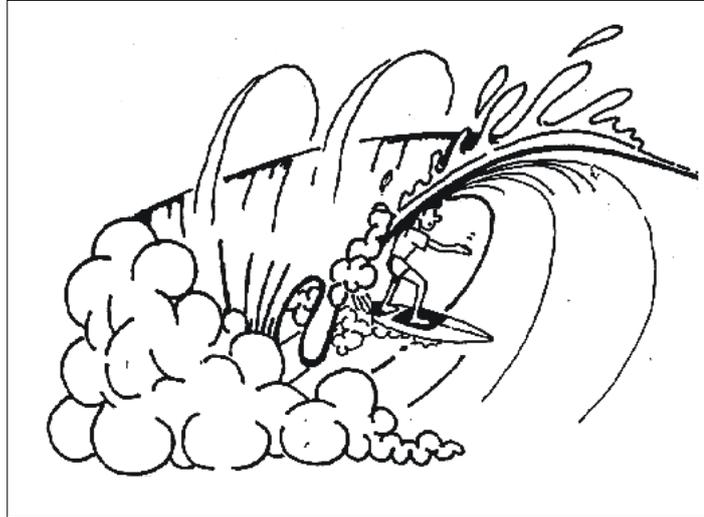
FIGURA 10 – O *drop* da crista a base da onda



Fonte: (HALÁSZ, 1999, p. 8)<sup>25</sup>

- O tubo é a manobra máxima do surf. Ela acontece quando o surfista se posiciona entre a parede e a crista, que se quebra sobre a base da onda - no salão verde. O Surfista procura manter linha correta, observando a luz que emana da saída do tubo (figura 11). A manobra está completa quando o surfista sai de dentro do tubo.

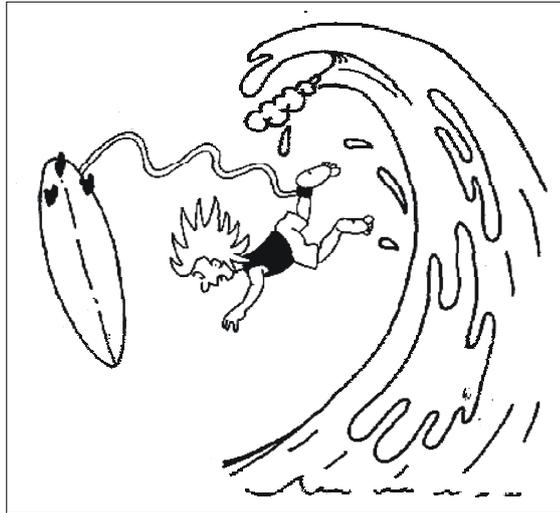
FIGURA 11 – O tubo



Fonte: (HALÁSZ, 1999. p. 10)<sup>25</sup>

- *Wipe out* não é uma manobra, porém pode acontecer, quando o surfista voa literalmente, do *lip* para a base, sem passar pela parede da onda (figura 12). Isto ocorre freqüentemente em ondas de arremesso, maiores e mais cavadas.

FIGURA 12 - Imagem do surfista levando uma queda e sendo jogado do *lip* diretamente para a base da onda



Fonte: (HALÁSZ, 1999. p. 12)<sup>25</sup>

- A embicada, que também não é uma manobra, acontece geralmente em ondas de derramamento. O surfista desce a parede da onda atrasado e o bico da prancha entra na base da onda e embica, obrigando o surfista a passar por cima da prancha e mergulhar. Erro comum entre os iniciantes.

Atualmente, o surf vem se tornando cada vez mais popular. Antes era praticado apenas por uma minoria, mas agora uma grande parte da população, principalmente os jovens, praticam este esporte. O surf é bem popular em todo o planeta, mesmo para aqueles que não têm condições, por qualquer motivo, de praticá-lo, e pelo menos têm uma grande vontade de fazê-lo.

O surf caminha lado a lado com a natação, porque para sua prática é necessário o uso de muita potência nos braços e pernas, para poder passar a arrebentação, vencer as correntezas, subir na prancha e realizar as manobras que caracterizam o esporte.<sup>2</sup> Este

contexto, confirma-se ao observarmos as características do surf: esporte de demanda aeróbia e anaeróbia de moderada a alta intensidade, e enquadra-se na categoria de esporte com limitado contato físico e moderado risco de colisão.<sup>53</sup>

### 1.3 O surfe de peito

O *surfe de peito* ou *body surfing* – corpo surfando - é uma atividade lúdica que consegue resgatar a conexão íntima do ser humano com a natureza, um hábito dos povos antigos que é cada vez mais necessário nos dias de hoje. Investigar a filosofia desta brincadeira garante o resgate dos costumes primitivos, além de permitir ampliar a cultura humana. Esta brincadeira permite utilizar o corpo como prancha de *surfing*. O surfe de peito é praticado com ou sem nadadeiras e desta maneira, deslizar o corpo desnudo sobre as ondas. No Brasil, esta atividade é crescente e vem ganhando forças.

Na compreensão de Sequeira (2005),<sup>52</sup> desde os remotos tempos, assim o surfe de peito se faz. O homem, ao longos dos séculos, aprendeu a observar os métodos furtivos dos golfinhos, leões-marinhos, focas, orcas, tubarões e até gaivotas ao longo dos litorais na caça de suas presas (figura 13). Desenvolveu distintas formas de entrar no mar, abordar as ondas e sair deste ambiente hostil e perigoso sem danos a si próprio, e mais uma vez esta técnica tornou-se vulgar e se espalhou pela comunidade afim.

Até hoje são organizados eventos de surfe de peito como a celebração de um grande conagraçamento, uma festa, um encontro de amigos, onde os prêmios aos campeões são o sincero prestígio dispensado por todos. Há o elemento competitividade, porém em diminuto grau de exaltação sem, em momento algum, deixar de ser natural do ser humano, haja vista que a prática de que falamos também foi pelo homem inventada.

O surfe de peito, enquanto celebração ao sagrado ou mesmo hoje, profanamente praticado, é fruto de um conhecimento profundo sobre a natureza e o respeito dos seus limites. Atualmente, são inúmeras as modalidades desportivas praticadas nas ondas, contudo o surfe de peito ainda se mantém vivo, sendo desta maneira, a base dos esportes sobre as ondas.

Não importa então, a peculiaridade do entretenimento realizado, o praticante de esportes nas ondas deve apreender o conhecimento sobre como surfar de peito para saber entrar e sair do mar e estar pronto para situações adversas. O surfe de peito contribui na melhora do condicionamento físico, qualificando e capacitando os surfistas nas mais diversas atividades nas ondas.

FIGURA 13 – Golfinhos surfando numa onda



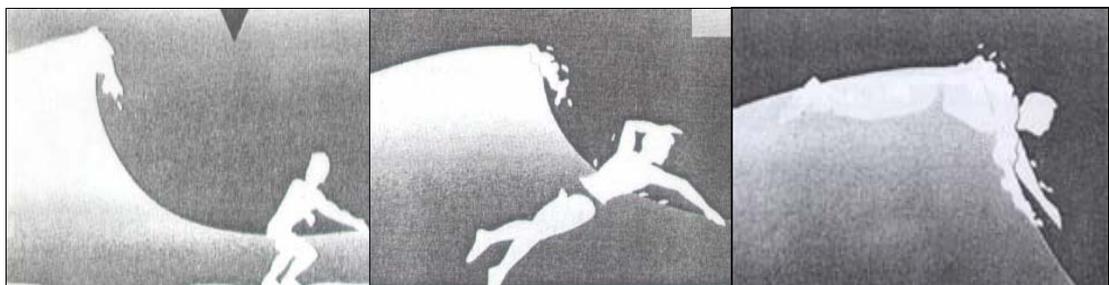
Fonte: (OVERSEAS PROPERTY ON LINE, 2005)<sup>39</sup>

O surf de peito é uma brincadeira individual equilibrística (figura 14) praticada por amadores em diversas idades, do infantil ao adulto, em ambos os sexos. Contribui para desenvolver as capacidades condicionantes (força, resistência, velocidade e flexibilidade) e as coordenativas (coordenação, agilidade, equilíbrio - dinâmico, estático e recuperado). É positivo biopsicossocialmente, de intensidade que varia entre suave e intenso. Ele é composto

por elementos básicos (nadar - pelo menos o crawl), fundamentais (transportar a linha de arrebentação e surfar a onda com o corpo) e avançados (as manobras – 360°, submerso, peito, rolo, parafuso e outras). A coordenação neuromuscular do surfe de peito varia entre o simples e o complexo.

O surfe de peito é praticado individualmente, sem qualquer equipamento de flutuabilidade para apoio ou equilíbrio. Do mesmo modo em que contribui para a segurança das atividades aquático-desportivas praticadas nas ondas possui aspecto lúdico, mas pode também ser praticado como modalidade desportiva, desde que se estabeleçam regras para sua prática.

FIGURA 14 – Sequência aponta o momento em que o sujeito utiliza o corpo para surfar de peito a onda



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 46)<sup>54</sup>

No primórdio, os animais e pássaros marinhos ávidos por uma presa ou por diversão, vagavam as praias oceânicas. O homem por seu intelecto em analisar e respeitar esses animais deu origem às habilidades de se locomover com o corpo sobre as ondas. O surfe de peito resgata as manifestações do surfe mais puro, o essencial, porém é que ainda se mantém original em suas raízes.

Schefler (2005)<sup>50</sup> explica que existem vários campeonatos de surfe de peito ao redor do mundo, como no Hawaii, Califórnia, México, França, Nova Zelândia e alguns outros. Mas que atualmente, só dois destes eventos são considerados "oficiais", os quais recebem o nome de "campeonato mundial", são eles: "*Pipeline Bodysurfing Classic*" (Figura 15), realizado numa onda chamada "*Pipeline*". Onda a qual, atualmente, é considerada uma das ondas mais perigosas e ao mesmo tempo, uma das mais perfeitas do planeta. Esta onda fica localizada no lado norte da ilha de Oahu no Hawaii, no *Uhukai Beach Park*. O outro campeonato mundial é o "*Oceanside Bodysurfing World Championship*". Ambos eventos são remotos, afirma Schefler, e que o mundial em *Pipeline* é o campeonato mais antigo, o qual teve sua primeira edição, em 1971.

*Este evento é muito respeitado, não só entre os havaianos, mas também no resto do mundo por todos que admiram atletas que arriscam suas próprias vidas nas ondas, pois todos sabem da dificuldade que existe em surfar apenas com o corpo e um par de nadadeiras aquelas ondas grandes e tubulares (SCHEFLER, 2005).<sup>50</sup>*

FIGURA 15 – Tubo de Rogério Schefler durante o Pipeline Bodysurfing Classic, 2005



Fonte: (SCHEFLER, 2005)<sup>50</sup>

Rogério Schefler participou do *Pipeline Bodysurfing Classic* nos anos de: 98, 99, 2000, 01, 02, 04 e 05. Em 2005, conseguiu chegar à final, terminando em 5º lugar. Totalizou até agora três finais em campeonatos desta natureza no Hawaii, sendo sua melhor colocação em 2000, quando galgou o 3º lugar.

*“Neste evento competem 48 atletas, a maioria deles havaianos, e muitos deles são guarda-vidas da ilha.”* (SCHEFLER, 2005).<sup>50</sup>

Na ponto de vista de Schefler (2005),<sup>50</sup> é muito importante todos os seres humanos terem algum contato o salvamento aquático, mesmo que seja para conseguir entender o básico sobre este tema, pois cedo ou tarde, todos vão estar em contato com o mar, que é abundante em nosso planeta, e algumas dicas podem fazer a diferença na hora certa, seja para si mesmo ou até mesmo para salvar a vida de terceiros.

No Brasil, atualmente, o marketing esportivo tem favorecido o desporto "surf", pois existem muitos atletas surfistas brasileiros profissionais que ganham mais dinheiro do que

alguns médicos ou engenheiros, além de terem um estilo de vida excepcional. Ou seja, não existe mais o antigo preconceito de que todo o surfista é vagabundo, que só quer saber de matar aula para ir surfar etc... os tempos mudaram. Os meios de comunicação, em geral, têm explorado a plasticidade, radicalidade e muitas outras qualidades que o surf proporciona. A consequência disto é que outras modalidades do surf, inclusive o "*BODYSURF*", vêm de carona nesta "onda".

Na preparação física de Rogério Schefler para participar dos campeonatos internacionais está: a prática de pólo-aquático, que além de ajudar a nadar com a cabeça para fora d'água, favorece pelo movimento de pernas chamado de "perna alternada", melhorar a flutuabilidade sem que precise tanto dos braços. Schefler pratica yoga para ajudar na respiração, força, equilíbrio e concentração; além disso, surfa nos melhores dias de onda.

Schefler conta que nas vezes em que se está sendo "chacoalhando" pela onda, em baixo d'água, lembra dos exercícios de yoga, que o ajuda a não lutar com a força maior, que é a onda e simplesmente, espera que a turbulência passe para então, subir à tona para respirar, pois muitas pessoas, revela, morrem afogadas pelo simples fato de não conseguirem controlar sua calma, desperdiçando energia a toa.

Para Lopes (2005,<sup>28</sup> o surfe de peito no Brasil passa por importante momento. Relata que atualmente o processo de amadurecimento desta modalidade vem crescendo rapidamente. O interesse pelo esporte como preparação e condicionamento físico para atletas de diversas áreas como pólo aquático, surf, *boryboard* e outras modalidades que necessitem do *feeling waterman*, com isso, tem-se despertado e projetado o surfe de peito no país.

A mulher, neste caminho, tem seguido o fluxo dos acontecimentos e se desgarrando de engodos do passado e conquistando o apoio e admiração dos homens. Força que é a mais importante neste momento de transformação. A contribuição para potencializar o esporte é

mais uma vez quebrar barreiras, regras que impedem o desenvolvimento e alimentam o retardo da mente feminina. O papel da mulher no surfe de peito não é medir forças com o homem, mas mostrar que o sexo feminino evoluiu possibilitando trabalhar os limites e a capacidade da "máquina humana feminina". Biologicamente, homens e mulheres são diferentes, desenvolver então corpos e mentes de maneira a equilibrá-los e torná-los fortalecidos, é importante, para que homens e mulheres possam estar mais próximos neste esporte, analisa Lopes (2005).<sup>28</sup>

O surfe de peito como agente de transformação social e cultural potencializa a modificação do ambiente em que vivemos. Lopes (2005)<sup>28</sup> comenta que, especificamente para as mulheres, os benefícios deste esporte pode ser visto na rotina do dia a dia, diminuição da tensão no trabalho, redução do stress cotidiano e minimizando a Tensão Pré-Menstrual (TPM). A quebra da rotina pelo surfe de peito integra o corpo e a mente ao mar, proporcionando novos hábitos, novas visões e objetivos. De maneira geral, o surfe de peito, faz a pessoa se encontrar, se descobrir ou até se redescobrir e sua prática proporciona estas mudanças.

Apresenta Oliveira (2005),<sup>36</sup> a idéia de se organizar, no Brasil, campeonatos de surfe de peito. No seu entendimento, tudo originou-se em torno do site [www.surfedepeito.com.br](http://www.surfedepeito.com.br) criado em 1999 pelo entusiasta Kleiber Fragoso.

De 1999 até 2004, diversos praticantes foram descobrindo a lista de discussão mediada pelo endereço [www.grupos.com.br/grupos/surfedepeito](http://www.grupos.com.br/grupos/surfedepeito).

A lista, inaugurou nova fase para o esporte no país, mas sem perder o contato e os ensinamentos dos atletas mais experientes. Atualmente, reúne cerca de 137 atletas cadastrados, praticantes ativos, de diversos Estados do Brasil, tais como: Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Pernambuco e Maranhão. Desse processo, ou seja, da interação destas pessoas, que ao se reunirem em encontros periódicos, durante todo o

ano de 2004, surgiu a idéia de organizar uma Associação Nacional: a Associação Brasileira de BodySurf (ABBS), explica Oliveira (2005).<sup>36</sup>

A ABBS emerge no cenário desportivo com o objetivo de utilizar o nome *bodysurf* para distinguir o surfista de peito; potencializar a união, a ética, a transparência, a participação, a cooperação, a amizade, o profissionalismo e a competência. Suas ações prioritárias são: realizar o Circuito Brasileiro de Surfe de Peito, profissionalizar juízes, realizar clínicas e escolinha do desporto e estimular a participação da sociedade.

Para Oliveira (2005),<sup>36</sup> a ABBS tem como meta popularizar e profissionalizar o esporte, desta maneira manifestar o surfe de peito como agente de inclusão e transformação social e de cultura. Pois este esporte favorece a saúde, melhora a auto-estima, proporciona elementos de preservação a natureza, dentre muitos outros atrativos. Com isso, transformar "jacarés" em verdadeiros crocodilos, comenta.

#### 1.4 Noções de oceanografia

Como as ações locomotoras do surf estão in petto com o oceano, sobretudo, com as ondas do mar, observamos ser importante conhecer parte deste ambiente. Steinman et al.(2000)<sup>53</sup> entendem que o surfe, por ser praticado em ambiente oceânico, algumas vezes de caráter hostil, expõe o indivíduo a diferentes condições ambientais que incluem: o tempo e suas variantes, como a temperatura, o vento, sol, chuva, o tipo de fundo oceânico, as condições do mar, o tamanho das ondas e as variações da maré.

Com intuito de obter informações que sirvam de alicerce para nossa pesquisa, observamos alguns rudimentos básicos sobre oceanografia e também, peculiaridades das praias. Pensamos que esta investigação irá nos conferir subsídios que minimizem riscos no

surf e desta maneira, o esporte seja praticado com segurança. Além disso, estas informações, são necessárias, para prevenir afogamentos no mar.

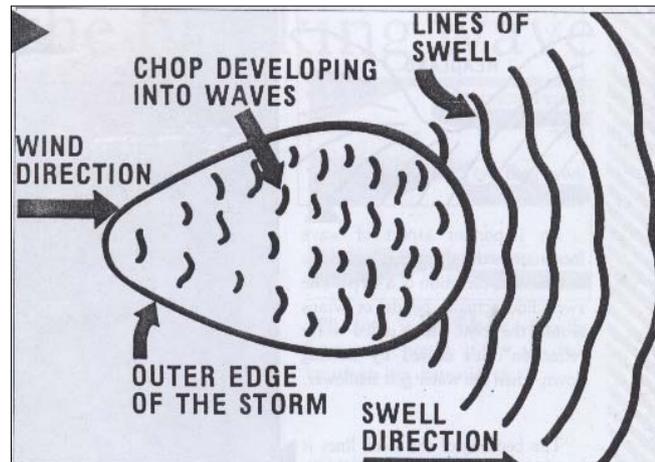
#### *1.4.1 Vagas*

O vento é um fenômeno que está relacionado com as diferenças de temperatura nas regiões atmosféricas. Quando o vento sopra sobre a superfície do mar, gera ondas, pela transferência de energia. Quanto mais tempo o vento soprar, e quanto mais intenso ele for, maior é a ação geradora que irá formar vagas distintas,<sup>42</sup> a ondulação (figura 16).

A ondulação tende a cruzar o oceano e chegar à costa em grupos de ondas, séries ou conjuntos de ondas. Esta massa d'água ao chegar na costa e encontrar um fundo mais raso, a parte submersa da onda perde velocidade, transporta a energia para a parte superior. Este transporte de energia faz a parte alta, a onda, precipitar-se e cair, caracterizando a zona de impacto ou linha de arrebentação, com isso, formando o espumeiro.<sup>23</sup>

Há entre uma série e outra, um momento em que não quebram ondas, e a esta “calmaria” se dá o nome de jazigo. Apesar disso, algumas vezes, devido o tamanho das ondas, durante o jazigo, ondas menores poderão surgir, porém não farão parte da série.<sup>37</sup> É este o incrível fenômeno da natureza que compõe o cenário do esporte.

FIGURA 16 – Área de geração de ondas



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 9)<sup>54</sup>

As ondas geralmente se aproximam da orla marinha formando ângulo. Elas tendem a se refratar ou se dobrarem pelos contornos submarinos, que fazem a linha das ondas tornarem-se paralela à linha da costa. As ondas, porém, geralmente não são totalmente refratadas, ocasionando com isso, a corrente denominada de deriva litorânea, que surge apenas na região de arrebentação. Esta corrente é lenta para transportar grãos de areia, mas tem ação facilitada na região de arrebentação das ondas, que mantém a areia em suspensão.<sup>51</sup>

O mecanismo é simples: na superfície da praia, as partículas de areia transportadas pela água que chega, descrevem o movimento de zigue-zague na semelhante direção da corrente de deriva litorânea, de tal modo que cada onda as movimenta num pequeno trecho ao longo da praia. Na água, ocorre situação parecida: as ondas levantam os grãos de areia e a corrente de deriva litorânea imprime a estes grãos o movimento de zigue-zague e como conseqüência, a areia é movimentada pela ação da corrente.

As ondas (figura 17) não são iguais umas às outras, elas variam de tamanho, forma, força e volume. Estas variações relacionam-se com a distância e a intensidade do vento que as

originou e também com o fundo em que elas quebram. O vento é o fenômeno que pode tornar o mar de pequeno (até cerca de 3 pés) a grande (acima dos 6), de calmo a agitado ou de enorme a perfeito.

FIGURA 17 – A onda na Praia de Maresias – Litoral Norte de São Paulo



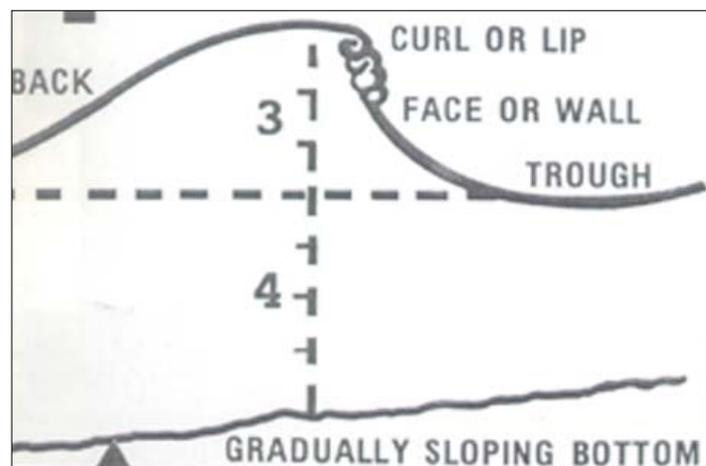
Fonte: Imagem de arquivo

Onde existir gradiente no fundo, a aproximação das ondas tende a ser paralela a linha da costa e as ondas arrebentam quase simultaneamente ao longo de sua extensão. Variações na profundidade causam variações na velocidade das diferentes partes da crista da onda, as quais, como consequência, tornam-se refratadas, e tendem a serem paralelas ao contorno do fundo.<sup>32</sup>

A *Surf Life Saving Association Australian* (1991)<sup>54</sup> apresenta a anatomia da onda na linha de arrebentação (figura 18): a curvatura ou crista (*curl or lip*) é a parte mais alta da onda, a crista da onda, a qual é despejada sobre a parte inferior da onda, camada de calha, base ou cavado (*trough*). Já a parte de trás ou costas da onda, chama-se dorso (*back*). Enquanto que a

face ou parede (*face or wall*) é a porção de água que se forma antes da onda quebrar. Ela é a parte mais emocionante para os praticantes de esportes nas ondas.

FIGURA 18 – Anatomia da onda na linha de arrebentação



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 11)<sup>54</sup>

#### 1.4.2 Características das praias

Ao chegar a ondulação na costa, a ação da corrente de deriva, a movimentação dos grãos de areia e o fundo da praia, criam correntes laterais, entre a parte seca da praia e o baixio. A corrente lateral, representada na (figura 19) pela cor amarela, é uma depressão natural feita pelo mar. Esta corrente encontra-se paralela à praia e age como alimentador do canal principal, marcado pela cor laranja.

O canal principal ou corrente de retorno, também conhecido como vala, tem a função de levar toda a massa d'água, que chegou na praia na forma de onda, de volta para o oceano. Existindo então, encontro de correntezas laterais, haverá formação de corrente de retorno. A vastidão, comprimento e largura, da corrente lateral e de retorno, está relacionada com o

volume da massa d'água que chega à costa, na forma de onda. Szpilman (2001)<sup>56</sup> entende que a corrente de retorno pode ter a velocidade de 2 a 3 metros por segundo e sua força chega até a parte de trás da zona de impacto das ondas.

FIGURA 19 – Imagem anatômica da corrente de retorno: Praia Brava em Arraial do Cabo – Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Imagem de arquivo

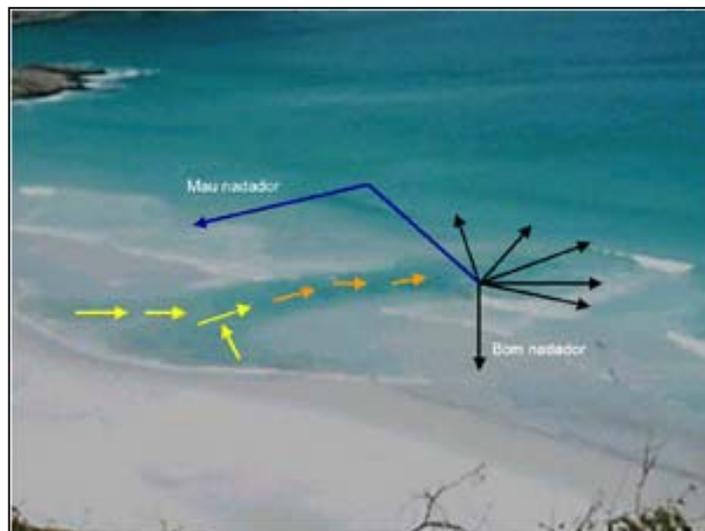
A corrente de retorno divide-se em três partes distintas, a saber: boca, pescoço e cabeça, comenta-se na *Surf Life Saving Association Australian* (1991).<sup>54</sup>

- a) Boca – É o encontro de correntes laterais – cor amarela;
- b) Pescoço - É a distância compreendida entre a boca e a cabeça – cor laranja;
- c) Cabeça - É o final da corrente de retorno, atrás da zona de impacto das ondas, onde toda a força desta corrente se dilui – cor negra.

Para identificarmos a corrente lateral e de retorno, devemos observar o seguinte: a coloração da água, ou seja, água mais escura significa local mais profundo; na corrente de retorno, poderá haver ondas e também espuma na superfície da água, devido a precipitação das ondas, porém em quantidade menor.

Para escapar da corrente de retorno (figura 20), o bom nadador ou nadador forte deverá sair do mar nadando, sempre, em diagonal – representado pela cor negra e o mal nadador ou nadador fraco, deverá aproveitar a força da corrente de retorno para fazer uma volta - representado pela cor azul, e sair pela parte mais rasa do mar, os baixios.<sup>23</sup>

FIGURA 20 – Desenho de como proceder para sair da corrente de retorno



Fonte: Imagem de arquivo

## 1.5 Comunicação por gestos

Essenciais apitos e sinais com as mãos são boas maneiras de se comunicar. O gesto enquanto comunicação visa alertar praticantes e admiradores de que está ocorrendo algum episódio importante, podendo inclusive ser uma situação de perigo eminente.

Dentro d'água, os gestos visam alertar as pessoas que estão na areia ou os surfistas que estão nas proximidades, de que há alguma situação perigosa na proximidade, ou ainda, de solicitar socorro imediato. Os gestos fora d'água alertam os surfistas que estão dentro d'água a seguir as seguintes orientações: seguir na direção indicada; ficar onde está; remar ou nadar para dentro do mar; voltar para a praia.

### 1.5.1 *Ajuda imediata*

Dentro d'água então, o surfista que precisar de auxílio ou mesmo no momento de ousar salvar outro surfista ou banhista, deve LEVANTAR UM DOS BRAÇOS ACIMA DA CABEÇA (figura 21). Esta atitude revela solicitação de ajuda imediata.<sup>37</sup>

FIGURA 21 – Sinal de apelo de ajuda imediata



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 34)<sup>54</sup>

### 1.5.2 *Alarme de animal marinho perigoso*

Com as mãos espalmadas, erga OS DOIS BRAÇOS ACIMA DA CABEÇA (figura 22). Quem está na água, avisa aos demais que existe nas redondezas determinado animal marinho perigoso. Ouvir sirene contínua, soando na praia, significa "tubarões".

FIGURA 22 – Sinal de alarme de animal marinho perigoso

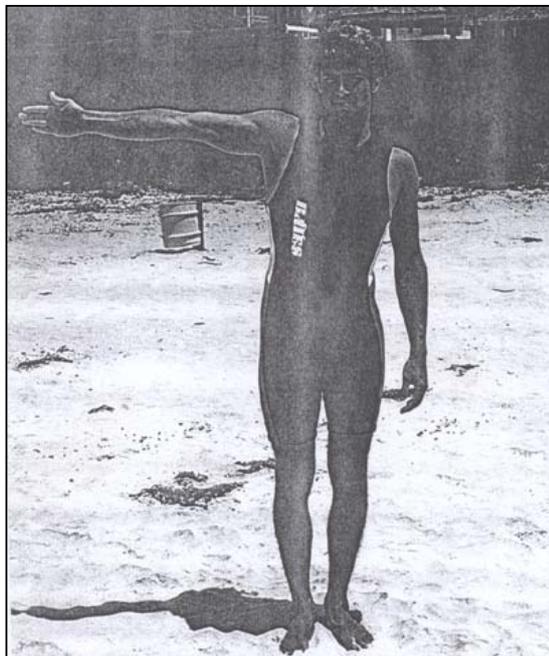


Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 36)<sup>54</sup>

### 1.5.3 *Siga na direção indicada*

Quando alguém, na praia, estiver com UM DOS BRAÇOS LEVANTADO LATERALMENTE AO CORPO, formando ângulo de 90° com o tronco, significa a direção que se deve tomar, para a direita ou para a esquerda (figura 23). Avisado por quem está na areia, a pessoa que está dentro d'água, nadador ou surfista, saberá que direção deve seguir.

FIGURA 23 – Sinal para seguir na direção indicada



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 36)<sup>54</sup>

#### 1.5.4 *Fique onde está*

Quando alguma pessoa, na praia, estiver com os DOIS BRAÇOS LEVANTADOS LATERALMENTE AO CORPO (figura 24), no formato de cruz, aconselha a quem está dentro d'água ficar onde está. Compreendido o sinal não se deve remar ou nadar para lugar algum.

FIGURA 24 – Sinal de fique onde está



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 36)<sup>54</sup>

#### *1.5.5 Remar ou nadar para dentro do mar*

Quando alguém, fora da água, estiver com os DOIS BRAÇOS LEVANTADOS ACIMA DA CABEÇA (figura 25), adverte a quem está na água, para remar ou nadar, rapidamente, para trás da linha de arrebentação e/ou ir mais para dentro do mar.

FIGURA 25 – Sinal para remar ou nadar para atrás da linha de precipitação



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 36)<sup>54</sup>

#### 1.5.6 *Volte à praia*

Quando alguma pessoa, na praia, estiver com UM DOS BRAÇOS LEVANTADO ACIMA DA CABEÇA (figura 26), recomenda a quem está dentro d'água a remar imediatamente para a praia.

FIGURA 26 – Sinal para que volte para a praia



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 36)<sup>54</sup>

#### 1.6 Técnicas de salvamento com prancha

Qualquer pessoa pode realizar salvamento aquático com uso da prancha de surf, mas somente quando tiver completo domínio sobre os elementos rudimentares, ou seja remar, sentar e girar. O treino dessas habilidades deve ser realizado em águas tranquilas, de preferência numa piscina, antes de tentar socorrer pessoas em lugares que tenham ondas ou águas agitadas.

A prática do surf destaca a importância do uso de procedimentos de sobrevivência, além dos de socorrismo. A prancha possibilita basicamente chegar mais rápido e garantir o ponto de sustentação necessário à vítima de afogamento.

Gonzalez (1996)<sup>22</sup> entende que para o salvamento existem distintos acessórios que permitem prestar auxílio com maior facilidade e segurança. A prancha de surf é um destes equipamentos que contém características para se aproximar com rapidez e transportar a vítima com segurança, ainda que nas piores condições de mar.

A prancha de surf é sem dúvida ferramenta importante para prevenção e resgate, principalmente, quando bem empregada pelos surfistas que gostam de praticar o esporte em praias não protegidas, ou seja, nas praias onde não existem guarda-vidas. No entanto, Steinman et al.(2000)<sup>53</sup> salientam que medidas preventivas específicas devem ser desenvolvidas junto aos praticantes de surf.

A prevenção, neste sentido, deve incluir campanhas educativas com objetivo de conscientizar os surfistas sobre os perigos de cair da prancha e colidir com bancos de areia, além de orienta-los sobre o transporte adequado em caso de traumas.

Para Rosa (2001),<sup>46</sup> comenta que o surf é o 2º esporte individual mais praticado no Brasil. Há indícios de que no Estado de São Paulo são em torno de 100 mil praticantes, tendo a maioria entre 16 e 20 anos de idade.

Agentes de colaboração são pessoas físicas que prestam serviço à Administração Pública por vontade própria, por requisição ou com a sua concordância e que estes agentes exercem, portanto, função pública, ainda que algumas vezes seja esporádico o exercício. Estes agentes não ocupam cargo nem emprego público.<sup>20</sup> A partir desta concepção, Rosa (2001)<sup>46</sup> entende que a participação do surfista no salvamento de afogados, se faz como agentes de colaboração e que para efeitos penais são considerados como funcionários públicos.

O número de resgates desempenhados por surfistas é grande, pois as pranchas são excelentes pontos de sustentação. De maneira similar a prancha de surf, o boryboard ou prancha de corpo, pode ser usado no salvamento, principalmente, se o surfista faz uso de nadadeiras. O estudo realizado por Rosa (2001)<sup>46</sup> aponta o perfil dos surfistas que praticam este esporte com prancha: sexo masculino, idade entre 16 e 20 anos e segundo grau incompleto.

Em torno de 50% de todos os resgates na arrebentação são realizados ou auxiliados por surfistas, comenta a *Surf Life Saving Association Australian* (1991).<sup>54</sup> Carroll (1991)<sup>15</sup> ratifica esta informação, ao explicar que a prancha de surf moderna é usada como plataforma para resgate em 50% de todos os resgates nas praias australianas.

Devido à presença dos surfistas na zona de impacto das ondas, durante a maior parte dos dias do ano, eles devem estar cientes de que os outros surfistas ou banhistas ocasionais, em geral, irão necessitar de eventual colaboração.

Com frequência, o nadador cansado não consegue avaliar até que ponto está da exaustão completa, justifica a *Surf Life Saving Association Australian* (1991).<sup>54</sup> Caso o surfista observe a necessidade de intervenção, deverá então ir imediatamente até o nadador e proporcionar ajuda.

No caso da intervenção acontecer a outro surfista, quando ferido e inconsciente, dentro d'água, o acidentado costuma ficar num raio de um a dois metros da prancha atado a sua corda de segurança, já o nadador cansado se caracteriza pela braçada vagarosa e baixa.

### 1.6.1 *Consciente ou inconsciente*

A pessoa, sempre que estiver falando e/ou movimentando-se com o corpo em posição vertical na água, como se estivesse subindo uma “escada invisível”, enquanto tenta manter a cabeça fora d’água, revela que está consciente, porém caso esteja virada de borco e não se mexe, é indicador de que está inconsciente (figura 27). Neste caso, segundos são preciosos, entende Godoy (2001).<sup>21</sup>

Vale ressaltar que o surfista inconsciente permanece acerca de um a dois metros da prancha, preso pela corda de segurança. Aproxime-se da forma mais segura e rápida possível. Desprenda-se de sua corda de segurança, abandone a sua prancha e utilize a prancha da vítima para o resgate, embarque-a e, posteriormente, reme para lugar seguro longe da zona de precipitação das ondas ou reme para a praia.

Caso a vítima seja o nadador cansado ou afogado, ao chegar próximo a vítima, após ter identificado o grau de consciência, abandone a prancha e ofereça-a como ponto de apoio, colocando a prancha entre você e o acidentado. Num primeiro momento, esta atitude, evitará o contato físico com a vítima. Ao se agarrar o afogado à prancha, instrua-o a subir.

Embora a prancha de surf seja o equipamento mais popular para pegar ondas, em circunstâncias adversas é um excelente ponto de sustentação para vítimas de afogamento.

FIGURA 27 – Afogado inconsciente



Fonte: (SZPILMAN, 2001)<sup>56</sup>

#### 1.6.2 Rolo: método australiano para o afogado consciente

- a) Sai de cima da prancha deslizando para o lado oposto do afogado e lhe oferece a prancha como ponto de apoio com as *quilhas para cima* (figura 28);
- a) Volte-se para a direção das ondas. Não dê as costas para o mar!
- b) Segure com firmeza o punho e ombro do afogado. Role a prancha uma vez na sua direção, sentido acidentado socorrista, as quilhas ficaram voltadas para baixo e o afogado na parte de cima da prancha;
- c) Vá para trás da prancha, estenda os braços e agarre as bordas da prancha por sob as axilas da vítima. Force a prancha para baixo e num impulso, empurre o afogado para frente, pelas nádegas, utilizando o seu tórax. Deixe o bico da prancha ligeiramente erguido;
- d) Reme para a praia.

FIGURA 28 – Embarque da vítima consciente - método australiano



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 60)<sup>54</sup>

### 1.6.3 Rolo: método australiano para o afogado inconsciente

- a) Sai de cima da prancha deslizando para o lado oposto do afogado e ofereça a prancha como ponto de apoio com as *quilhas para baixo* (figura 29);
- b) Agarre o afogado pelo braço, cabelos ou pela gola da roupa de borracha;
- c) Volte-se para a direção das ondas. Não dê as costas para o mar!

FIGURA 29 – Prancha entre o socorrista e a vítima



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 64)<sup>54</sup>

#### 1.6.3.1 Primeiros auxílios dentro d'água

- d) Coloque o afogado de costas junto à prancha;
- e) Ponha o braço direito sob a axila direita da vítima, flexione o cotovelo e lhe segure o queixo;
- f) Erga a cabeça da vítima por sobre a parte de cima da prancha onde o surfista põe os pés;
- g) Examine o afogado (ver, ouvir e sentir a respiração da vítima) (figura 30);
- h) Estando o afogado em parada respiratória, segure a cabeça da vítima, utilizando a musculatura abdução do dedo mínimo e com o indicador e polegar, tampona o nariz. Com a outra mão abra-lhe a boca.
- i) *Aplique-lhe 5 respirações completas* - boca-a-boca ou boca-nariz;
- j) Como reação à ventilação, verifique sinais de circulação ou movimentos;

FIGURA 30 – Primeiros socorros dentro d'água (ver, ouvir e sentir)



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 64)<sup>54</sup>

#### 1.6.3.2 Embarque

- l) Deslize a vítima para fora da prancha. O punho que estiver mais próximo do meio para trás da prancha, coloque-o sobre a borda da prancha (figura 31);
- m) Role a prancha na sua direção, sentido afogado socorrista. As quilhas ficarão para cima!
- n) Segure com firmeza a articulação do punho e do ombro do acidentado para que não retorne para a água e role novamente a prancha na sua direção. As quilhas ficarão para baixo e o afogado embarcado sobre o *deck*, parte de cima da prancha;

FIGURA 31 – Embarque da vítima inconsciente



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 65)<sup>54</sup>

- o) Ajeite o afogado sobre o *deck*: braços junto ao corpo e pernas afastadas;
- p) Vá para trás da prancha, estenda os braços e agarre as bordas da prancha por sob as axilas da vítima. Force a prancha para baixo e num impulso, empurre o afogado para frente, pelas nádegas, utilizando o seu tórax. Deixe o bico da prancha ligeiramente erguido;
- q) Reme para a praia (figura 32).

FIGURA 32 – Remando para a praia



Fonte: (SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN, 1991. p. 65)<sup>54</sup>

No Curso de Certificação de Sobrevivência do Surfista (CCSS), organizado pela *Surf Life Saving Association Australian*, o aprendiz tem até 14 segundos para realizar: abordagem, rolagem completa e iniciar as primeiras remadas. Entendemos que esta averiguação é importante, pois normalmente, quando o mar está agitado, é necessário colocar o acidentado sobre a prancha o mais rápido possível. Desta maneira, só é diplomado o aprendiz aprovado neste prova dos 14 segundos

#### 1.6.4 Teste de 14 segundos

Os procedimentos abaixo devem levar menos de 14 segundos para serem realizados.

São eles:

- a) Colocar a mão do acidentado o mais perto da rabeta da prancha, do meio da prancha para trás;

- b) Realizar duas rolagens com a prancha: na primeira a quilha fica para cima e, na segunda, a quilha fica para baixo;
- c) Por o acidentado sobre a prancha;
- d) Subir na prancha, pela parte de trás;
- e) Realizar remadas.

O método de rolagem australiano e o teste de 14 segundos, mencionados, foram testados e aprovados com louvor, em 1999, pelo Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ), Cabo Frio, Região dos Lagos do Estado do Rio de Janeiro, junto ao primeiro Curso de Salvamento Aquático com Prancha do CBMERJ, intitulado, Projeto Salva Surf (figura 33).

Este trabalho foi direcionado aos surfistas, homens e mulheres, dos municípios da Região dos Lagos, com objetivo de ensiná-los a como prevenir e agir em casos de afogamento. A justificativa para sua realização alicerçou-se devido a extensa área litorânea de 107,55 km ser guarnecida por apenas 65 Guarda-Vidas do serviço de praia da Cidade de Cabo Frio.<sup>43</sup>

FIGURA 33 – Corpo docente e discente do Projeto Salva Surf do CBMERJ, set 1999



Fonte: Imagem de arquivo

### 1.6.5 Método brasileiro: afogado consciente

- a) Aproxime-se da vítima pelo local mais seguro e rápido;
- b) Posicione o bico da prancha voltado para a areia, acelerando o resgate;
- c) Sente-se na prancha e ofereça o bico da prancha como plataforma de apoio;
- d) Acalme a vítima conversando com ela;
- e) Peça à vítima o pé e embarque-a na prancha como se monta a cela dum cavalo (figura 34);
- f) Deite-se e posicione-se com seu tórax sobre o glúteo da vítima;
- g) Reme e peça à vítima para remar também;
- h) Em caso de onda, trave a vítima com os braços e cuide para não embicar a prancha e deixar a vítima cair;
- i) Inicie os primeiros socorros na areia.

FIGURA 34 – Seqüência aponta o embarque da vítima consciente método brasileiro



Fonte: (GODOY, 2001)<sup>22</sup>

### 1.6.6 Método brasileiro para o afogado inconsciente

- a) Aproxime-se da vítima pelo local mais seguro e rápido;
- b) Posicione o bico da prancha voltado para a areia, acelerando o resgate;
- c) Saia parcialmente da prancha e puxe a vítima para junto de você;
- d) Coloque a cabeça da vítima em cima da prancha perto da sua face, passe o seu braço por baixo da axila da vítima, e estenda o pescoço pelo queixo abrindo as vias aéreas (figura 35).

FIGURA 35 - Procedimentos iniciais



Fonte: (SZPILMAN, 2001)<sup>56</sup>

#### 1.6.6.1 Primeiros socorros dentro d'água

- a) Veja, ouça e sinta a respiração

*Se houver respiração:*

Embarque a vítima, transporte-a até a praia e faça os primeiros socorros na areia.

*Se não houver respiração:*

Tampone o nariz da vítima e faça duas ventilações boca-a-boca ou boca-nariz e cheque sinais de circulação como reação a ventilação ou movimentos (figura 36).

b) Circulação

*Circulação presente:*

Continue com o boca-a-boca ou boca-nariz até o retorno da respiração, embarque a vítima, transporte-a até a praia e faça os primeiros socorros na areia.

*Circulação ausente:*

Embarque a vítima, transporte-a até a praia e faça os primeiros socorros na areia.

FIGURA 36 - Primeiros socorros dentro d'água



Fonte: (SZPILMAN, 2001)<sup>56</sup>

1.7.6.2 *Embarque*

- a) Com a mão que estava na testa, tamponando o nariz, agarrar o queixo da vítima para que não retorne para dentro d'água;
- b) Faça a figura do "X", passando o outro braço sobre o tórax da vítima e lhe agarre o punho oposto (figura 37);

FIGURA 37 – Procedimento inicial do embarque



Fonte: (SZPILMAN, 2001)<sup>56</sup>

- c) Vire a vítima na posição de cúbito ventral, colocando-a sobre a prancha (figura 38);
- d) Puxe a vítima para cima da prancha, pelo punho ou axila, e utilize o outro braço para se agarrar e afundar a prancha, facilitando assim, o embarque do afogado;

FIGURA 38 – Procedimento secundário do embarque



Fonte: (SZPILMAN, 2001)<sup>56</sup>

- e) Coloque o acidentado sobre a prancha, pernas e braços, consecutivamente (figura 39);
- f) Suba na prancha pela rabeta e reme até a areia.

FIGURA 39 – Seqüência indica o procedimento final do embarque



Fonte: (SZPILMAN, 2001)<sup>56</sup>

Este método foi elaborado pela Equipe Surf Salva Brasil, organizada pelo fundador da Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático, Doutor David Szpilman. O método brasileiro em citação, também foi testado e aprovado durante o 1º e 2º Curso de Salvamento Aquático com Prancha, realizado no complexo de piscinas da Academia Projeto Acqua, Pinheiros, São Paulo – capital, em 2001 e 2002, respectivamente (figura 40).

FIGURA 40 – Corpo docente e discente do primeiro Projeto Surf Salva realizado em São Paulo



Fonte: Imagem de arquivo

Em ambos os métodos, australiano e brasileiro, durante a volta para a praia, caso sejam o socorrista e a vítima pegos pela onda ou pela massa de espuma, o ajudador chegando pouco mais para trás, em relação a prancha, deverá estender os braços por sob as axilas da vítima e agarrar as bordas da prancha com firmeza. O peso do socorrista somado ao da vítima, lhes permitirão surfar a onda, e deitados sobre a prancha deslizarem até a areia (figura 41) ou emergirem após a onda passar.

FIGURA 41 – Salvamento com prancha na Praia do Forte em Cabo Frio



Fonte: imagem de arquivo

As pranchas pequenas não são apropriadas para realizar salvamento, mas numa emergência, poderão ser úteis, para chegar rapidamente à vítima, fornecendo-a como ponto de apoio.

Na compreensão de Santos (2001),<sup>47</sup> a prancha de surf projetada para salvamento deve medir em torno de 3,10 m de comprimento por 0,60 m de largura, ser flutuante e capaz de sustentar o peso de dois adultos.

Vale a pena ressaltar que durante o resgate com prancha, deve-se atar o afogado à corda de segurança, antes de remar para a praia. Agindo desta maneira, terá a plena certeza de que onde estiver a prancha, lá estará também o afogado. Em virtude do resgate ser realizado com prancha pequena, que não suporte o peso de duas pessoas, o socorrista realizará o translado seguro ao bico da prancha, utilizando para isso, o reboque lateral ou dorsal (figura 42). Procedendo assim, levará a vítima para lugar seguro.

FIGURA 42 – Traslado utilizando o reboque lateral



Fonte: (GODOY, 2001)<sup>21</sup>

## 1.7 Reboque

### a) Reboque lateral

O reboque lateral (figura 43) é realizado nadando lateralmente com pernas em forma elíptica, que em afastamento máximo formam ângulo de 90°, combinando com os pés em flexão plantar. O braço que estiver colaborando com o estilo, realizará a puxada de recuperação, flexão do cotovelo com palma em supinação, a mão puxa a água em direção ao tórax e durante o deslize, extensão do cotovelo com o braço em pronação. Desta maneira diminui-se a resistência, facilitando o reboque para posteriormente transportá-la para lugar seguro.<sup>44</sup>

FIGURA 43 - Reboque lateral



Fonte: Imagem de arquivo

b) Reboque dorsal

O reboque dorsal se faz após a abordagem utilizando-se a pernada de peito, ou seja, o socorrista realiza a pernada decúbito dorsal, deitado de costas na água (figura 44).

FIGURA 44 - Traslado da vítima pelo reboque dorsal



Fonte: Imagem de arquivo

## 1.8 Transporte

### a) Transporte australiano

Ao chegar o socorrista na margem da praia, terá que transportar a vítima. Nesta ocasião, deve utilizar o método australiano de transporte de afogados (figura 45). Proceda então, da seguinte maneira: coloque seu braço direito por sob a axila direita da vítima e lhe prenda o braço direito, segurando-o pelo punho. Ponha seu outro braço, o esquerdo, por sob a axila esquerda da vítima, flexione o cotovelo e segure-a pela mandíbula, de forma a abrir as vias aéreas superiores. Szpilman (2002)<sup>57</sup> entende que o transporte australiano, permite mais segurança e desobstrui as vias aéreas do acidentado, possibilitando a ventilação durante o transporte.

FIGURA 45 - Transporte australiano



Fonte: Imagem de arquivo

b) Transporte com imobilização da coluna cervical

Quando há suspeita de trauma na coluna cervical devemos utilizar o transporte com imobilização da coluna cervical (figura 46). Com os braços por sob as axilas da vítima, flexione o cotovelo e imobilize a cabeça, segurando-a na altura dos ossos temporais. Manino (2001)<sup>31</sup> recomenda que durante o transporte, quando possível, utilize a prancha de imobilização e colar cervical, ou improvise usando a prancha de surf.

FIGURA 46 – Seqüência da imobilização e transporte de vítima com suspeita de trauma cervical sem utilizar da prancha de imobilização



Fonte: (MANINO, 2001)<sup>31</sup>

### 1.9 Magnitude do Problema

Conhecer o panorama do afogamento representa conhecer onde e como aplicar as ações que afiancem bem-estar à população no meio aquoso. Steinman et al.(2000)<sup>53</sup> adverte as pesquisas epidemiológicas devem ser estimuladas para determinar fatores específicos para o controle e a prevenção, além de determinar a eficácia dos programas de prevenção.

Então, avaliar os dados do afogamento torna-se importante instrumento para melhor aproveitar o empenho por soluções que visam diminuir os casos de afogamento, especialmente na via litorânea do Brasil.

A importância da segurança aquática somente será eficaz com esforço, inclusão e concepção. Por isso, é imperativo definir política de classificação da informação que tenha relação com a confiabilidade dos dados tratados. Esta política permitirá ao cidadão definir a melhor estratégia de prevenção, assim como os controles de acesso e difusão. Com isso, procuramos realizar trabalho composto pela observação e análise dos dados do afogamento.

Os números aqui expostos visam promover a consciência em relação ao panorama do afogamento e, posteriormente, apontar ações que despertem a consciência preventiva contra este tipo de ocorrência.

### 1.9.1 *Cenário epidemiológico do afogamento no mundo*

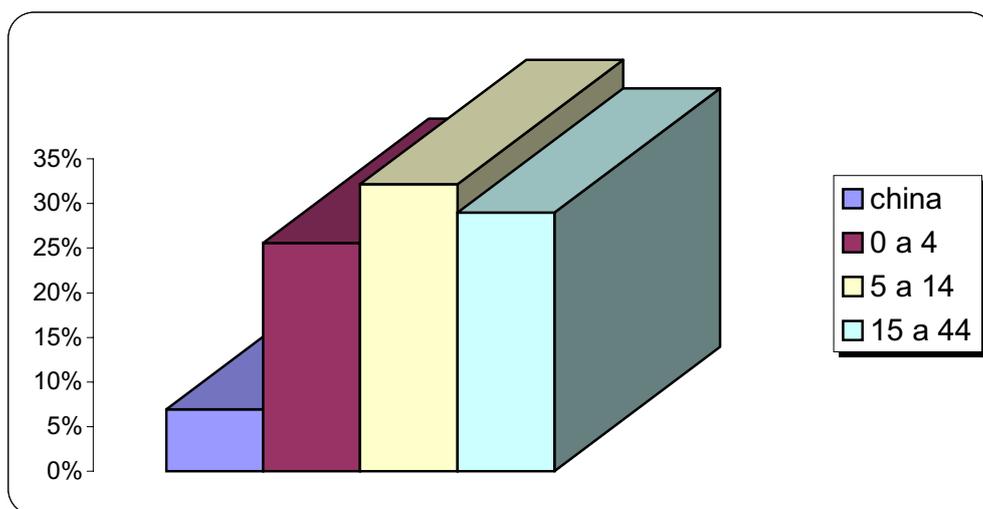
Estima-se que nosso planeta possui mais de seis bilhões de pessoas<sup>12</sup> e que a cada ano poderiam ser evitados centenas de milhares de afogamentos se fossem aplicadas algumas medidas simples de prevenção, e desta maneira reduzir ao mínimo o número da mortes, doenças e traumatismos nas praias, lagos, rios e outros.<sup>59</sup>

Indicadores apontam que, em 2000, cerca de 450 mil pessoas morreram em consequência do afogamento, fazendo com que esta seja a principal causa de morte involuntária global após os ferimentos de tráfego nas estradas. Quase 97% de todas as mortes por afogamento ocorrem em países de baixa e média renda. As regiões ocidentais do Pacífico e do sudeste Asiático contribuem com 60% desta mortalidade. Entretanto, entre os vários grupos de idade, as crianças abaixo de cinco anos de idade têm as taxas mais elevadas de

mortalidade por afogamento no mundo. Da metade excedente, 60% do número total ocorre entre as crianças de zero a quatorze anos.<sup>60</sup>

Szpilman e Orłowski (2001)<sup>58</sup> revelam que mais de 490 mil (8,4/100 mil) pessoas são vítimas fatais do afogamento, a cada ano no mundo (quadro 1). Cerca de 10 milhões de crianças entre zero e 14 anos de idade são internadas anualmente e em média uma a cada 35 hospitalizações chegam ao óbito. O número de mortes do sexo masculino é duas vezes maior que o feminino. Em 1998, o óbito por afogamento esteve em 11º lugar entre zero e quatro anos de idade – 25,57% (125.301 óbitos), quarto lugar entre cinco e 14 anos de idade – 32,16% (157.573 óbitos), em países desenvolvidos foi a segunda causa mortis, em países subdesenvolvidos, quarta ou quinta, causa, 10º lugar entre 15 e 44 anos de idade – 28,96% (141.922 óbitos). Na China, foi a primeira causa entre zero e 14 anos de idade – 6,91% (33.872 óbitos) e na faixa de um a quatro anos é segunda causa externa de morte no Brasil, EUA e África do Sul, e primeira na Austrália.

QUADRO 1 – Mortalidade do afogamento no mundo



Fonte: GUAIANO, O. P. Dados elaborados por Szpilman e Orłowski (2001)<sup>58</sup>

Oliveira et al.(2001)<sup>35</sup> relatam que o afogamento é a terceira causa mais comum de morte acidental no mundo e que cerca de 40% ocorre com crianças abaixo de quatro anos de idade e, entre os locais mais comuns de afogamento estão as piscinas e banheiras, nos quais o sexo masculino responde por 60% dos casos.

### *1.9.2 Panorama epidemiológico do afogamento no Brasil*

Banhado pelo Oceano Atlântico, o Brasil possui 7.939,22 quilômetros em toda sua extensão litorânea, compreendidos entre os limites do Estados do Amapá e Rio Grande do Sul.<sup>7</sup> O sumario climatológico global da costa brasileira medido por onze estações meteorológicas da Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha do Brasil, entre 1992 e 1997, indica que a temperatura média da água do mar é de  $29,97^{\circ}\text{C} \pm 2,31$ , enquanto a média da temperatura máxima do ar atmosférico é de  $26,2^{\circ}\text{C} \pm 2,26$ .<sup>8</sup> Nosso país é o mais rico em rios no mundo. Detém oito por cento da água doce que está na superfície da Terra. A maior bacia fluvial do mundo também fica no Brasil, a do Rio Amazonas, que deságua no mar um quinto da água doce do planeta.<sup>9</sup>

No Brasil, o serviço de salvamento aquático é realizado quase que exclusivamente pelos integrantes do Corpo de Bombeiros e por algumas Prefeituras Municipais com parceria da iniciativa privada. E estas instituições não têm como acompanhar o crescente número de banhistas e turistas que se beneficiam do lazer gratuito no território nacional. Com isso, o número de casos de afogamento vem crescendo desenfreadamente no país.

Szpilman e Orlowski (2001)<sup>58</sup> diagnosticaram que no Brasil, em 1998, aconteceram em torno 1,3 milhões casos de afogamentos. Estima-se então que, aproximadamente, 0,79% da

população brasileira afogaram-se (788,05/100 mil habitantes), cerca de 3.561,64 afogamentos por dia.

Em 1996 habitavam no Brasil 157.070.163 pessoas e em 2000, os números passaram para 169.872.856.<sup>13</sup> A Região Sudeste contribuía com 42,71% desta população. Estima-se que, atualmente, a população do país é ultrapassa os 183 milhões de habitantes.<sup>14</sup> Os dados estimados indicam que a população cresceu mais de 16% em nove anos, ou seja, aumentou em cerca de 26 milhões o número de residentes.

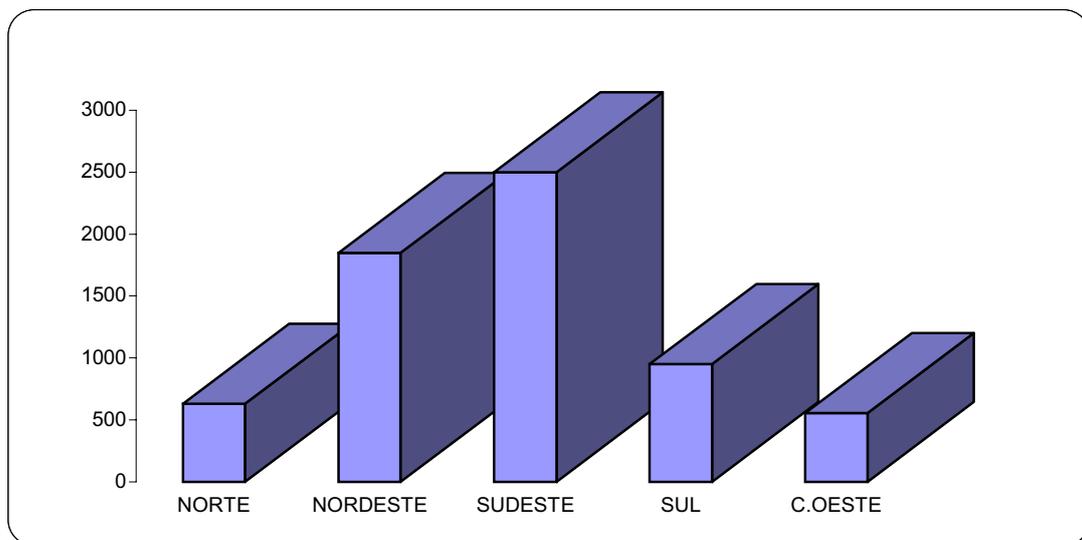
Com o aumento crescente do número de banhistas que migram para áreas balneárias, torna-se cada vez maior a necessidade de se veicular, entre a população, métodos de como prevenir e agir na presença do afogamento. Elementos apontam que, dos cerca de sete à oito mil óbitos por afogamento ( $\pm$  4,44/100 mil habitantes), por volta de 35% ocorrem nas praias brasileiras. Superestimando, as informações adquiridas, presume-se que atualmente, mais de 1,4 milhões de pessoas afogam-se no território brasileiro.

*“Os perigos inerentes aos banhos em praias, rios e outros, e aos passeios de bote ou qualquer classe de embarcação, indicam a conveniência do conhecimento da natação e do salvamento.” (GONZALÉZ,1996. p. 179).<sup>22</sup>*

Várias pessoas que convivem dia-a-dia com o meio aquêo não sabem como solucionar situação de perigo iminente.<sup>40</sup> No Brasil, entre 1996 e 1998, faleceram 20.665<sup>10</sup> habitantes em virtude do afogamento. A faixa etária mais freqüente em que ocorre maior número de mortes situa-se entre 20 e 29 anos (20,75%) (10,33 homens para cada mulher).<sup>55</sup> Somaram-se entre 2000 e 2002, 18.533 mortes por afogamento no paia,<sup>11</sup> sendo 38,58% delas, na Região Sudeste (quadro 2).

Este quadro é inquietante e necessita ser investigado, além de interrompido. Então, no sentido de delinear os dados sobre o afogamento no litoral da Região Sudeste do Brasil, prosseguimos nossa investigação.

QUADRO 2 – Cenário do afogamento no Brasil segundo Regiões



Fonte: GUAIANO, O. P. Dados elaborados pelo SUS. Atestados de óbito

### 1.9.3 Panorama epidemiológico do afogamento no litoral do Estado do Rio de Janeiro

Tracejando informações da Região Sudeste, pudemos observar que nas praias do litoral do Estado do Rio de Janeiro, entre 1986 a 2004, foram registrados 169.966 casos de afogamento,<sup>45</sup> quase 24,51 casos por dia, por volta de 0,59% foram óbitos, ou seja (5,98 óbitos/mil afogamentos). Estes elementos dão ao Estado status de primeiro lugar em número de ocorrências de afogamento no Brasil.

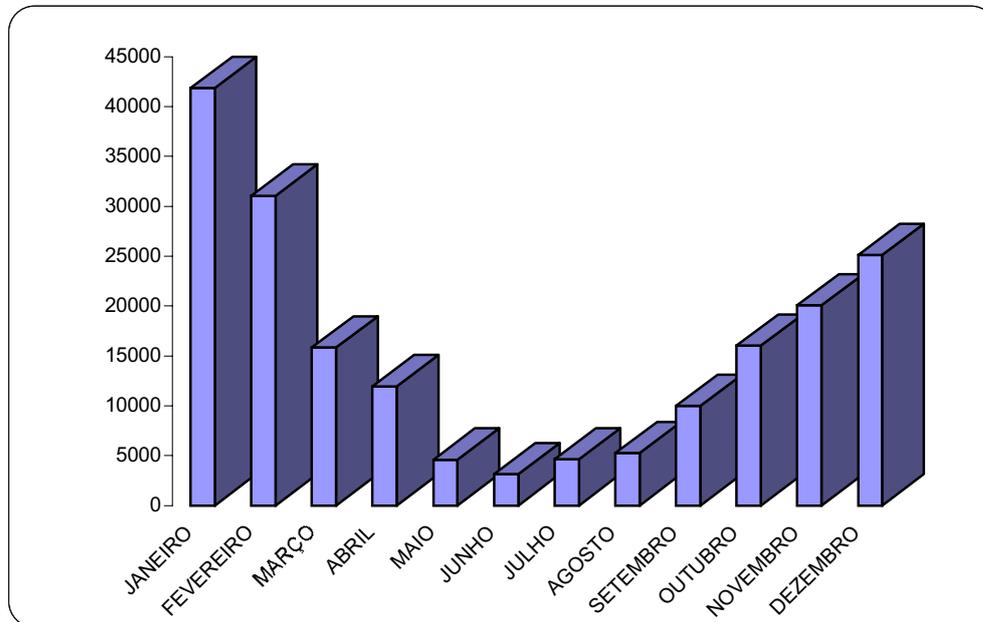
Com informações do Grupamento Marítimo do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro e da Estação Meteorológica Rasa da Diretoria de Hidrografia e Navegação da

Marinha do Brasil, situada na latitude 23:04 S e longitude 043:09 W, traçamos dados no sentido de verificar se houve correspondência entre o número de casos de afogamento e a temperatura da água do mar à superfície, no litoral do Rio de Janeiro, no período de 1992 a 1997. Neste período, a correlação foi insignificante ( $r = 0,356$ ), estando a água do mar por volta de  $22,24^{\circ}\text{C} \pm 1,1$ . Na busca de examinar a correlação entre o número de casos de afogamento e a temperatura do ar, obtivemos ( $r = 0,792$ ), subsídio significativo, encontrar-se a atmosfera em torno de  $21,62^{\circ}\text{C} \pm 2,05$ .

De 1998 a 2004 somaram-se 79.513 casos, média anual de 11.359 ocorrências  $\pm$  2.550,15 (31,12 ocorrências/dia). Neste desenvolvimento, notamos que os números pulam de 6.499 para 10.949 (de 1998 para 1999) e em 2003 passam para 14.584 casos, indicando aumento de 124,40% no número de casos no litoral do Estado do Rio de Janeiro. Com cerca de 6,19%, no panorama nacional, em 2002, este Estado ocupou o quarto lugar em relação ao número de mortes por afogamento.<sup>11</sup>

Os dados apontam ameaça à saúde da população carioca, principalmente em áreas não guarnecidas. Banhistas habituais, veranistas e outros devem proteger-se quanto a esta catástrofe anual. Pelo (quadro 3) observamos nitidamente o quadro endêmico do afogamento no Estado do Rio de Janeiro. Há evidências que este quadro vem se repetindo no território nacional, devido às condições propícias já citadas para este fato.

QUADRO 3 – Panorama do afogamento no litoral do Estado do Rio de Janeiro entre 1986 e 2004



Fonte: GUAIANO, O. P. Dados elaborados com base do GMar – Registros de ocorrências de afogamentos

#### 1.9.4 Panorama epidemiológico do afogamento no litoral do Estado de São Paulo

Traçando os elementos sobre o tão elevado número de casos de afogamento na Região Sudeste, nos deparamos com o Estado de São Paulo e notamos que o litoral paulista possui em torno de 650 Km, sendo 392 Km de praias, distribuídas em 15 municípios.<sup>48</sup> Houve no Litoral Paulista, entre 1986 e 2004, em torno de 36.085 ocorrências de afogamento<sup>49</sup> (5,20 casos/dia), cerca de 11,74% foram óbitos, ou seja (132,97 óbitos/mil afogamentos).

Utilizando informações do Salvamar Paulista, 17º Grupamento de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo, e da Estação Meteorológica Moela da Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha do Brasil, situada próximo ao litoral santista, latitude 24:03 S e longitude 046:16 W, examinamos se existiu relação entre o número de casos de

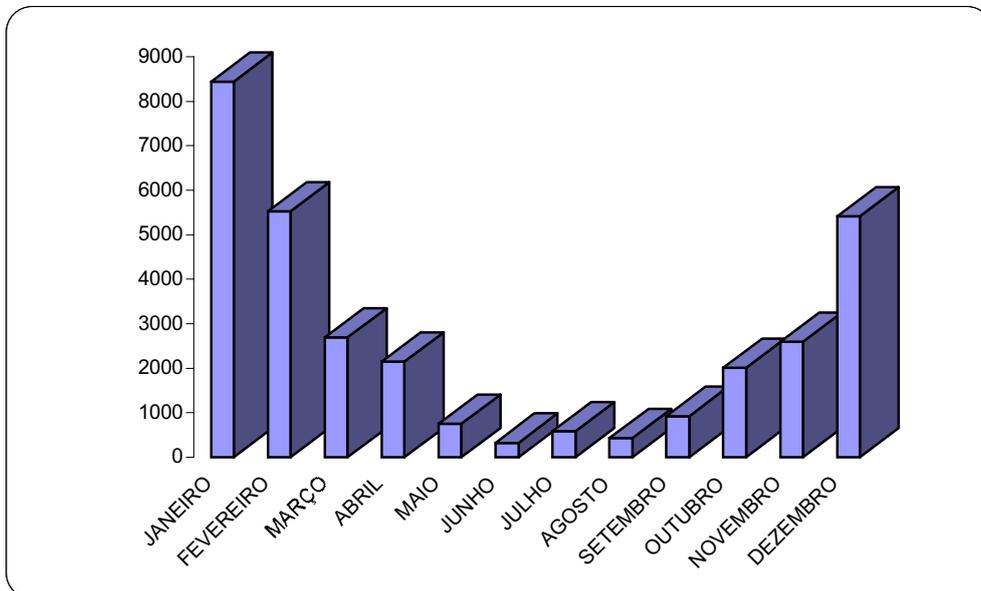
afogamento e a temperatura da água do mar no litoral de São Paulo, entre 1992 e 1997. Notamos que a correlação entre os elementos fornecidos foi significativo ( $r = 0,746$ ), para a temperatura da água do mar em torno de  $24,02^{\circ}\text{C} \pm 2,78$ . Verificamos também a relação entre o número de casos de afogamento e a temperatura atmosférica e obtivemos ( $r = 0,893$ ), para o ar em torno de  $22,68^{\circ}\text{C} \pm 2,67$ .

De 1998 a 2004 somaram-se 21221 casos, média anual de 3.031,57 ocorrências  $\pm$  415,92 (3,31 ocorrências/dia). Neste andamento, notamos que os números saltam de 2.809 para 3.182 (de 1998 para 1999) e em 2001 passam para 3.843 casos, indicando ampliação de 36,81% no número de episódios no litoral do Estado de São Paulo. O (quadro 4) nos revela quadro de endemia de afogamento no litoral paulista.

Contudo, a analogia deste estudo revela antagonismo em relação ao panorama do afogamento no Estado de São Paulo. No cenário nacional, o Estado que apresenta maior número de mortes por afogamento no Brasil é São Paulo, cota de 20,78%, vinculado ao número total de óbitos.<sup>11</sup> Porém, há indícios de que é no interior do Estado de São Paulo onde acontece maior número absoluto de mortes por afogamento no Brasil.<sup>24</sup>

Os números sugerem o emprego indispensável de plano diligente de prevenção junto à população.

QUADRO 4 – Panorama do afogamento no litoral do Estado de São Paulo entre 1986 e 2004



Fonte: GUAIANO, O. P. Dados elaborados pelo Salvamar Paulista - Registros de ocorrências de afogamentos

#### 1.9.5 Panorama epidemiológico do afogamento no litoral do Estado do Espírito Santo

Finalmente, esboçando informações sobre o Estado do Espírito Santo, observamos que este território está localizado na porção oriental da região Sudeste. Com clima tropical úmido, sua área é de 46.184,1 km<sup>2</sup>, distribuídos entre 13 micro-regiões. Sua baixada litorânea compõe cerca de 40% do território capixaba.

No ano 2000, a população do Estado atingiu o número de 3.097.232 habitantes, cerca de 67,06 hab/km<sup>2</sup>. A costa capixaba possui em torno de 417 quilômetros de extensão, constituídos por 92 praias. O litoral capixaba possui combinação de sol e calor em julho, fenômeno que só se repete em outros três Estados, além do Espírito Santo: Ceará, Piauí (a longínqua Parnaíba que é a recordista do país, com 27 dias de sol neste mês) e Rio de Janeiro.<sup>17</sup>

Há evidências de que, em relação ao afogamento, houveram no litoral capixaba, entre 1995 e 2004, em torno de 1.377 ocorrências de afogamento registradas,<sup>16</sup> média de 137,70 casos por ano (0,38 episódios/dia). Do valor absoluto de registros 1.196 foram óbitos (868,55 óbitos/mil afogamentos).

A falta de informações do Estado do Espírito Santo não nos oportunizou ampliar nosso estudo, porém com dados do Corpo de Bombeiros do Estado do Espírito Santo e da Estação Meteorológica Abrolhos da Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha do Brasil, situada próximo ao sul da Bahia, latitude 17:58 S e longitude 038:42 W, verificamos e analisamos as informações sobre casos de afogamento no litoral capixaba, entre 1995 e 1997. Com isso, notamos que a para a temperatura da água do mar em torno de  $25,69^{\circ}\text{C} \pm 0,75$  e para a temperatura do ar atmosférico por volta de  $27,54^{\circ}\text{C} \pm 1,16$ , aconteceram cerca de 377 casos de afogamento.

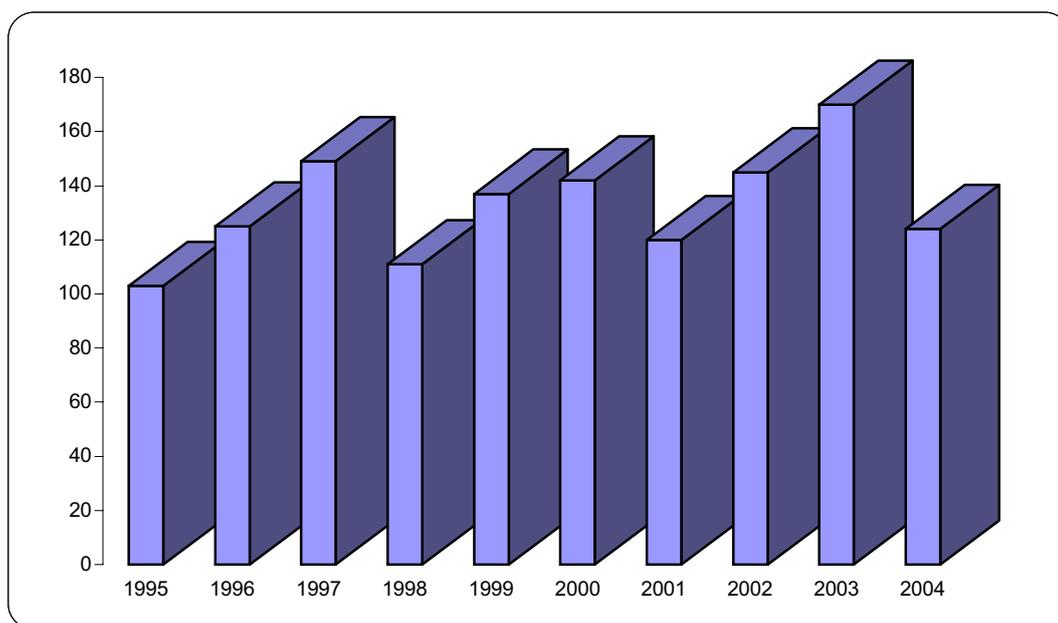
De 1998 a 2004 somaram-se 949 casos, média anual de 135,57 casos  $\pm 19,56$ . Os números pulam de 111 para 137 (de 1998 para 1999) e em 2003, os números passam para 170 casos, indicando aumento de 53,15% no número de casos no litoral do Estado do Espírito Santo. Destes eventos, 86,09% foram óbitos (6.189,39 óbitos/mil afogamentos).

O banco de dados nacional sobre o afogamento, CID-BR-10,<sup>11</sup> dá a entender que o Estado do Espírito Santo, em 2002, teve cerca de 2,75% do total absoluto de mortes, ou seja 178 casos, ocupando o 14º lugar no país.

O (quadro 5) nos revela o panorama do afogamento no litoral capixaba. Mas, estes subsídios requerem reservas quanto a sua análise, pois segundo informações da (BM/3) do Corpo de Bombeiros do Estado, apesar dos registros de casos de afogamento iniciarem-se, em 1995, o sistema de captação e distribuição dos dados é precário.

Esta informação nos leva a pensar que os números desta pesquisa podem ser mais dilatados do que observamos.

QUADRO 5 – Panorama do afogamento no litoral do Estado do Espírito Santo entre 1995 e 2004



Fonte: GUAIANO, O. P. Dados elaborados pela BM/3 do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Espírito Santo - Dados estatístico sobre afogamento

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 Objetivo geral

Potencializar o saber dos Profissionais de Educação Física de forma a lhes permitir auto-aprimoramento, o que poderá, mais adiante, pelo processo ensino-aprendizagem, facultar as crianças, jovens e adultos a desenvolver seu potencial de cidadania.

### 2.2 Objetivo específico

Maximizar o conhecimento do surfista, permitindo-lhe utilizar elementos intrínsecos do surf no salvamento aquático e, com isso, contribuir para o controle do afogamento.

### 3 HIPÓTESE

Levantamos a hipótese de que seria importante a utilização de capacidades intrínsecas do surf como ferramenta na prevenção do afogamento.

#### 4 JUSTIFICATIVA

Em mais de 20 anos atuando como Guarda-Vidas no Grupamento Marítimo do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, observei que, na maioria das vezes em que cheguei no posto de serviço, já havia surfistas dentro d'água e que na maior parte das ocasiões em que me recolhia para a base de serviço, ainda tinha surfistas dentro d'água.

Nosso trabalho se justifica por dois pontos importantes, a saber:

- a) A constante presença do surfista no entorno aquífero, seja nas praias protegidas ou não, pelo guarda-vidas;
- b) A não necessidade de ser surfista para realizar resgate com uso da prancha de surf.

## 5 METODOLOGIA

Nosso trabalho tem caráter descritivo e se sustenta pela investigação indireta e pela observação direta intensiva, ou seja, pela observação dos dados e pela entrevista.

### 5.1 Técnica da coleta

A conveniência foi utilizada como metodologia de coletar dados, a qual gerou investigações. Inicialmente, analisamos documentos públicos e privados, realizamos busca em livros, jornais, revistas, internet, entre outros meios de caráter científico e depois, pelo emprego de questionário.

## 5.2 Documentos

Para enriquecer nosso trabalho, pelo sistema telefônico de Discagem Direta a Distância (DDD), contatamos e obtivemos documentos da Diretoria de Hidrografia e Navegação (CHN) da Marinha do Brasil. Segundo a CHN, o estudo para se averiguar os dados sobre a extensão da costa brasileira, foi utilizada a projeção Mercator, a linha de costa foi simplificada (algumas feições, tais como enseadas, desembocaduras de rios e baías, foram retificados) e a escala do trabalho foi: 1:5.600.000, tendo como referencia a carta náutica 1 - Costa e Ilhas ao Largo, enquanto o sumário climatológico global da costa brasileira foi medido por onze estações meteorológicas entre 1992 e 1997.

Obtivemos também, informações de registros de afogamento dos Corpos de Bombeiros dos seguintes Estados: Rio de Janeiro, São Paulo, dados de 1986 a 2004, e Espírito Santo, dados de 1995 até 2004. Conseguimos, pela internet, subsídios do Ministério da Saúde, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da World Health Organization (WHO), e também munimo-nos com informações da literatura.

## 5.3 Origem da população

- a) Para verificarmos a opinião dos surfistas em relação a pesquisa, nossa população originou-se da Comunidade Brasileira dos Surfistas de Peito (CBSP).
- b) Para examinarmos as concepções de professores e alunos do curso de graduação em Educação Física, quanto ao papel do surfista enquanto socorrista, nossa população se originou do corpo docente e discente das Faculdades Integradas de Guarulhos (FIG) e da Universidade Paulista Campos Bauru (UNIP).

#### 5.4 Amostra

Aperfeiçoamos a pesquisa ao originar nossa porção: do CBSP obtivemos (n=37) participantes, ou seja, 39,36% da população de ativos; da FIG conseguimos (n=5) participantes, 11,63% do corpo de docentes; e da UNIP alcançamos (n=49) participantes, sendo 47,37% do corpo discente e 26,67% do corpo docente.

#### 5.5 Tratamento dos dados

Apuramos os dados com auxílio do *software Microsoft Excel* e da calculadora HP – 14 B.

## 6 RESULTADOS

Primeiramente, observamos os resultados das variáveis fisiológicas, de ambas as amostras, os quais são representados separadamente por idade, sexo, posto que níveis de escolaridade não representam pontos de referência destas variáveis. Contudo, verificamos os níveis de escolaridade, afim de caracterizarmos, principalmente, o grupo dos surfistas de peito. Em seguida, examinamos concepções dos surfistas e dos graduandos e graduados em Educação Física

### 6.1 Perfil dos surfistas de peito

Os resultados obtidos nesta parte do questionário caracterizam-se por informações gerais a respeito dos sujeitos de nossa amostra a fim de determinarmos o perfil dos mesmos.

A seguir vem a apresentação e discussão dos resultados desta parte do questionário.

## a) Caracterização pessoal

TABELA 1

Idade dos surfistas segundo faixa etária

IDADE	(n =)	(%)
menos de 20 anos	3	8,11
de 21 a 25 anos	7	18,92
de 26 a 30 anos	14	37,84
de 31 a 35 anos	7	18,92
de 36 a 40 anos	3	8,11
de 41 a 45 anos	3	8,11
mais de 45 anos	0	0
Total de sujeitos	37	100%

Do número total de sujeitos a maioria (n=14) pertence à faixa etária entre 26 e 30 anos.

TABELA 2

Sexo dos surfistas de peito

SEXO	(n =)	(%)
Feminino	2	5,41
Masculino	35	94,59
Total	37	100

De nossa população, a maioria é do sexo masculino (n=35).

## b) Desenvolvimento acadêmico

TABELA 3  
Escolaridade dos surfistas de peito

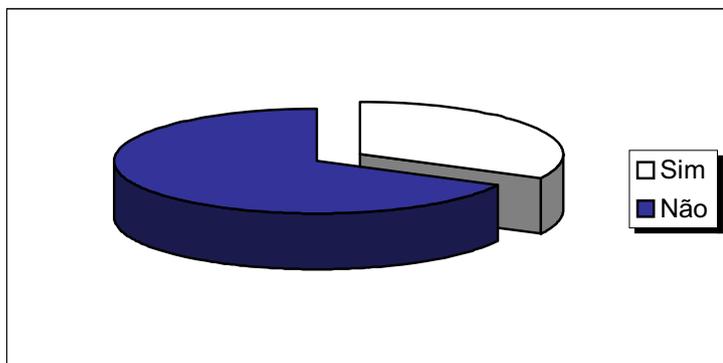
ESCOLARIDADE	(n = )	(%)
Ensino fundamental	1	2,7
Ensino médio	6	16,22
Superior incompleto	8	21,62
Superior	22	59,46
Total	37	100

Os resultados apontam que maioria dos sujeitos de nossa investigação (n=22) possuem nível escolar superior, cerca de 59% e que em torno de 21,62% estão com o curso de graduação em andamento. Estes dados vêm complementar a caracterização de nossa amostra. Com isso, observamos a seguinte caracterização de nossa amostra: sexo masculino, idade entre 26 e 30 anos e nível superior.

## 6.2 Concepção dos surfistas de peito

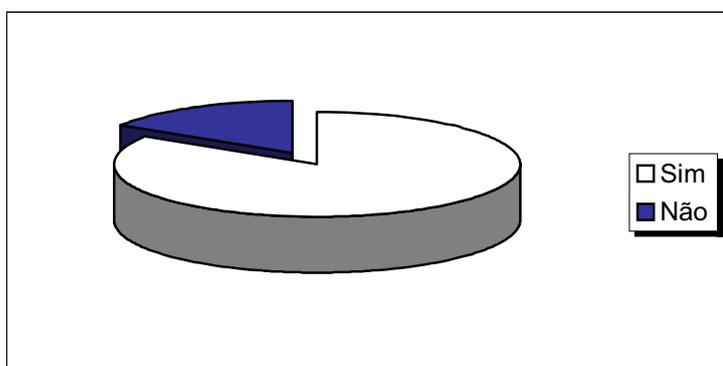
## a) Opinião dos surfistas

QUADRO 6 - Observação de alguma morte por afogamento



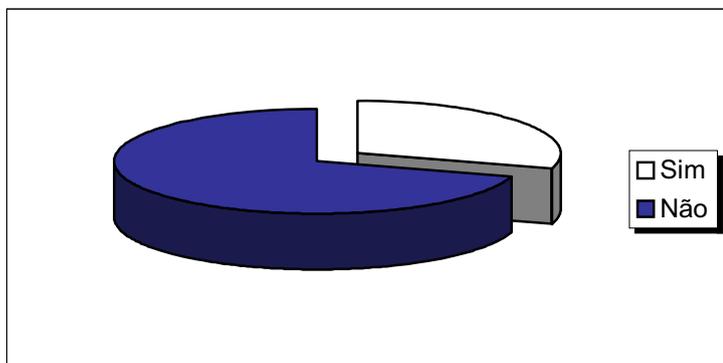
Os resultados indicam que em torno de 68% de nossa amostra ainda não presenciaram qualquer morte por afogamento.

QUADRO 7 - Participação em algum salvamento no mar



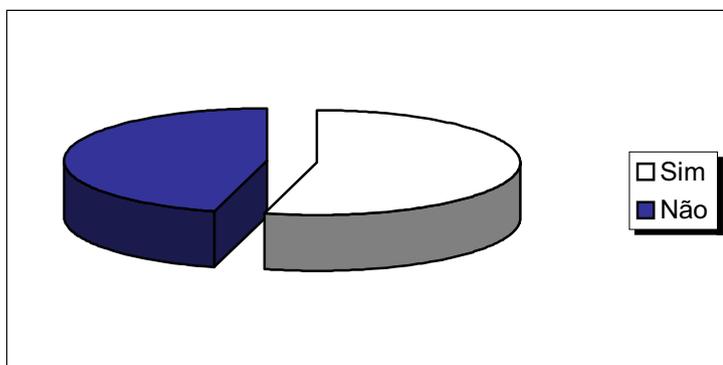
Cerca de 84% dos entrevistados informaram que já tomaram parte de salvamentos no mar.

QUADRO 8 - Receio ou medo de realizar salvamento no mar



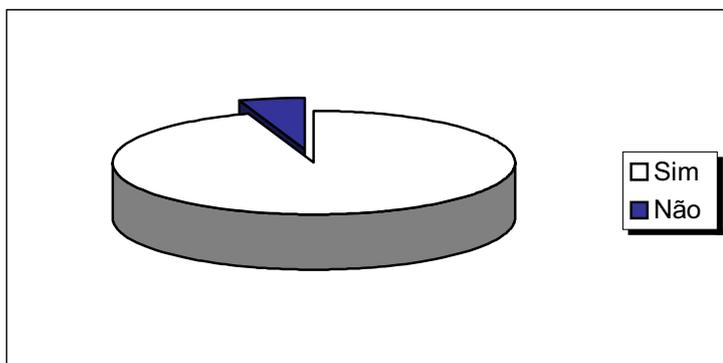
Aproximadamente 70% admitiram não terem medo de realizar salvamentos no mar.

QUADRO 9 - Oportunidade de auxiliar o Guarda-Vidas diante de salvamento no mar



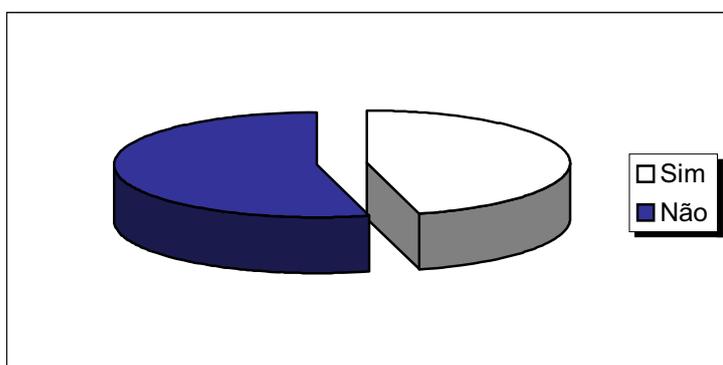
Em decorrência da pesquisa, por volta de 54% indicaram que já ajudaram o Guarda Vidas diante de salvamento no mar.

QUADRO 10 - Aspiração de participar de curso de capacitação em salvamento aquático



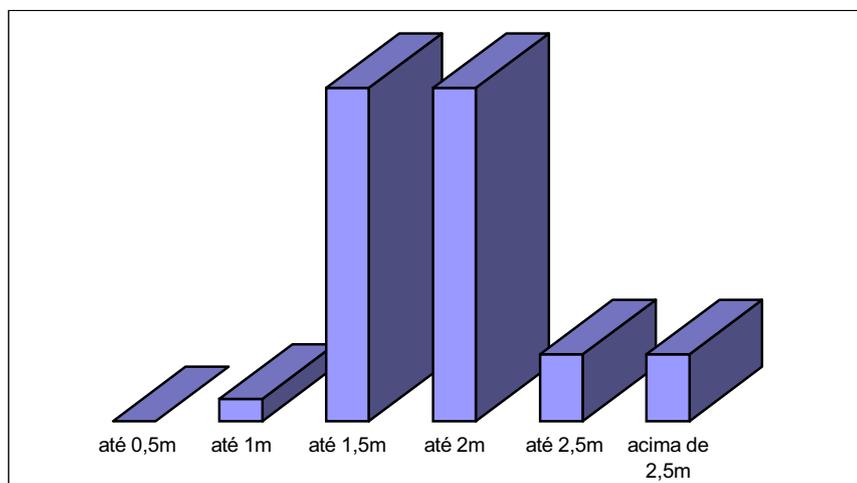
Os resultados apontam que cerca de 95% gostaria de realizar curso de habilitação em salvamento aquático.

QUADRO 11 - Compra de revistas especializadas em surf de peito



Em torno de 54% dos entrevistados não costuma adquirir revistas especializadas em surf de peito.

QUADRO 12 - Condições de mar em que se sente à vontade praticando surf de peito



O resultado da pesquisa indica que apenas 3% da amostra prefere surfar nas ondas com 1 m de altura, 41% se sente a vontade no mar com ondas de 1,5 m de altura, outros 41% em ondas com até 2 m de altura, 8% se sente bem no mar com ondas de até 2,5 m de altura e outros 8% se sentem a vontade nas ondas com mais de 2,5 m de altura.

### 6.3 Perfil dos graduandos e graduados em Educação Física

Com os resultados abaixo queremos obter subsídios que caracterizem os sujeitos da pesquisa para que possamos produzir o perfil dos mesmos.

A seguir estão a apresentação e a discussão dos resultados desta parte do questionário que visam observar concepções de professores e alunos do curso de graduação em Educação Física quanto ao papel do surfista enquanto socorrista.

## a) Diferenciação pessoal

TABELA 4

Idade dos professores e alunos do curso de graduação em Educação Física

IDADE	(n =)	(%)
Menos de 20 anos	13	24,07
De 21 a 25 anos	26	48,15
De 26 a 30 anos	6	11,11
De 31 a 35 anos	2	3,7
De 36 a 40 anos	2	3,7
De 41 a 45 anos	3	5,56
mais de 45 anos	2	3,7
Total de sujeitos	54	100%

Do número total de sujeitos a maioria (n=14) pertence à faixa etária de 21 a 25 anos.

TABELA 5

Sexo dos professores e alunos do curso de graduação em Educação Física

SEXO	(n =)	(%)
Feminino	14	25,93
Masculino	40	74,07
Total	54	100

A maioria da amostra (n = 40) é do sexo masculino.

## b) Formação acadêmica

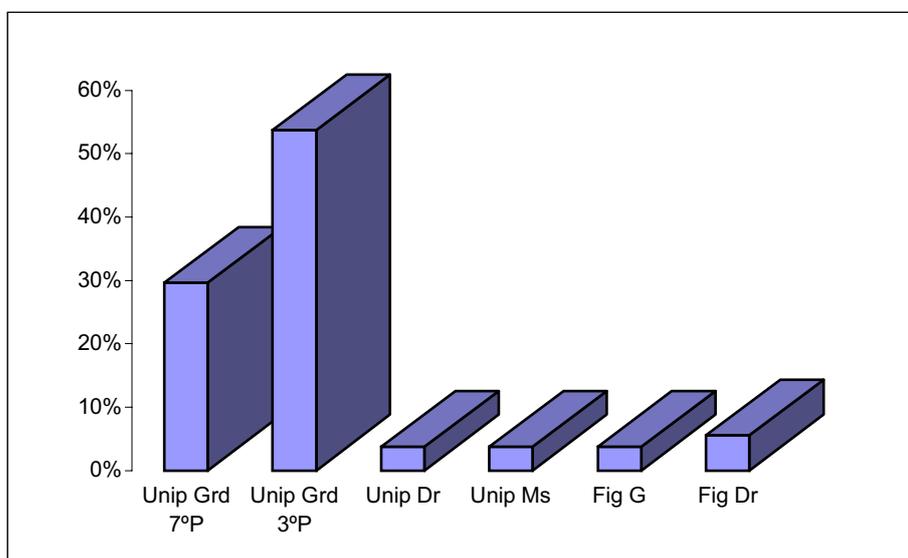
TABELA 6

Nível dos professores de Educação Física e alunos

ESCOLARIDADE	(n = )	(%)
Ensino fundamental	0	0
Ensino médio	0	0
Superior incompleto	45	83,33
Superior	2	3,7
Pós-graduação	7	12,96
Total	54	100

Os resultados apontam que maioria dos sujeitos desta investigação (n=45) são discentes do curso de graduação em Educação Física, o que corresponde a 80% de nossa amostra.

QUADRO 13 - Perfil do acadêmico dos graduados e graduandos



Os dados apontam que enquanto 29,63% cursam o sétimo período do curso de graduação, 53,71% o terceiro período. Ambos subgrupos pertencem à Universidade Paulista.

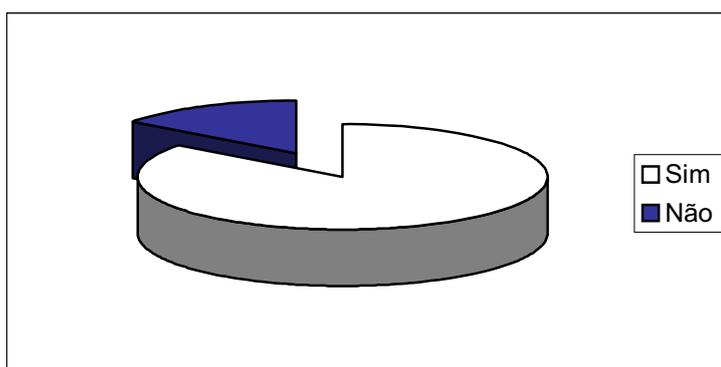
Do total de professores formados (16,66%), em torno de 3,7% são doutores e outros 3,7% são mestres da Universidade Paulista. Enquanto, outros 3,7% são de professores formados sem pós-graduação e 5,56% são doutores, ambos subgrupos da Faculdade de Educação Física das Faculdades Integradas de Guarulhos.

Estas informações diferenciam nossa porção, todavia notamos que a maioria dos sujeitos averiguados, apresentam os seguintes atributos: sexo masculino, idade entre 21 e 25 anos e processo de aquisição de conhecimentos como discentes do curso de graduação em Educação Física.

## 6.4 Concepção de professores e alunos do curso de graduação em Educação Física

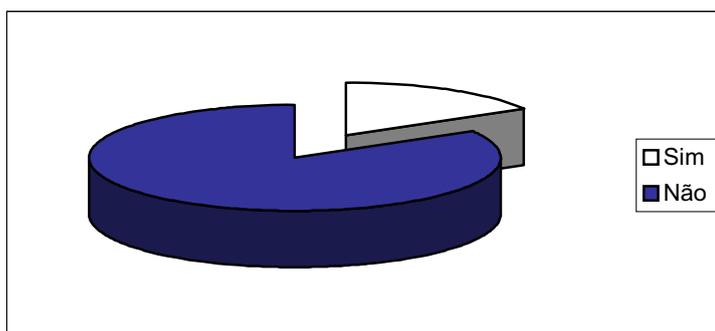
### a) Entendimento dos Profissionais de Educação Física

QUADRO 14 - Crítica sobre o papel do surfista no auxílio de pessoa se afogando



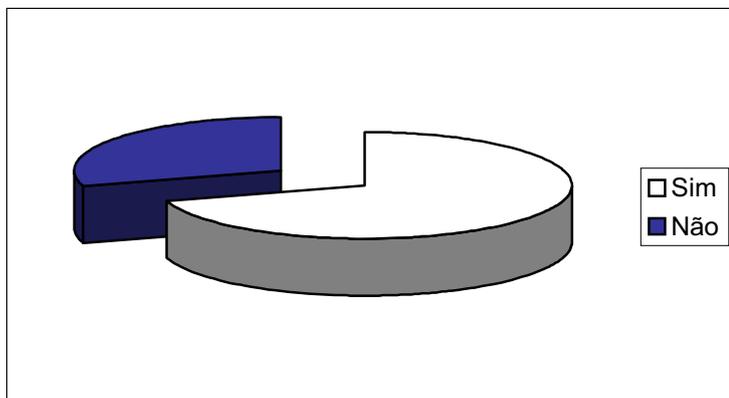
Os resultados indicam que em torno de 85% de nossa amostra pensa que o surfista pode auxiliar pessoa se afogando.

QUADRO 15 - Julgamento sobre já ter observado o surfista auxiliando em algum salvamento



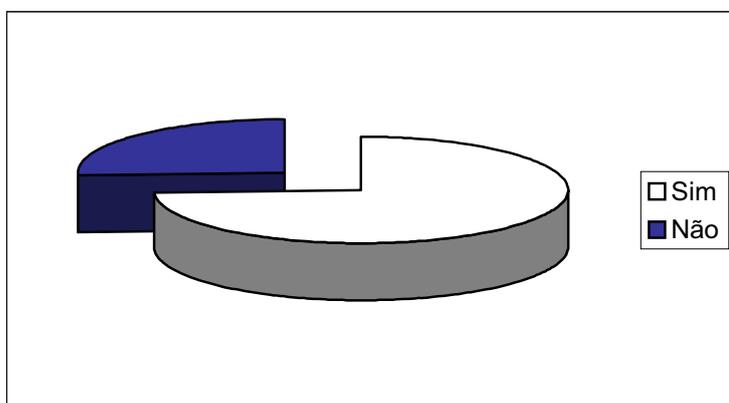
Cerca de 83% dos entrevistados informaram que nunca viram nenhum surfista auxiliando um salvamento.

QUADRO 16 - Exame sobre o surfista realizar serviço de prevenção enquanto pratica o surf



Aproximadamente, 70% observaram que o surfista pode EXECUTAR o serviço de PREVENÇÃO de afogados enquanto pratica o surf.

QUADRO 17 – Análise sobre o surfista realizar salvamento enquanto pratica o surf



O resultado aponta que 74% dos entrevistados confia que o surfista pode EXECUTAR SALVAMENTO enquanto pratica o surf.

## 7 DISCUSSÃO

A interpretação dos resultados do presente estudo deve ser feita com algumas reservas. Levando-se em consideração que aproximadamente  $\frac{3}{4}$  do nosso planeta é coberta por água, ou seja, 75% da Terra estão submersos debaixo da água e com efeito, dentre os desenhos dos estudos epidemiológicos do afogamento fica evidente que algo necessita ser realizado para minimizar o alto índice de casos de afogamento. No Brasil, principalmente, na Região Sudeste, a qual contribui com o maior percentual deste tipo de ocorrência.<sup>10,11,58</sup>

Assumindo os valores limítrofes da pesquisa, constataram-se, em termos percentuais que 70% dos surfistas de peito admitiram não possuírem medo de realizar salvamentos no mar. A propósito, no entendimento de Peresenda (2001),<sup>40</sup> a prática de salvar vidas na água deve também ser realizada pelas pessoas que não são guarda-vidas, as quais exercem modo de vida no entorno aquático.

A metodologia utilizada neste estudo para estimar se algum surfista de peito já observou alguma morte por afogamento apontou que 68% dos avaliados não observaram

qualquer tipo de ocorrência do gênero. Rosa (2001)<sup>46</sup> entretanto, encontrou 51% de avaliados em situação oposta, ou seja, que já assistiram mortes por afogamento. De qualquer maneira, embora o ato de prevenir possa aparentemente não parecer à população, como “heróico”, são eles os alicerces da efetiva redução na mortalidade destes casos.<sup>55</sup>

É prematuro afirmar que, a ação de surfistas de peito ou dos que praticam o esporte com prancha apresentarão resultados satisfatórios em relação a prevenção do afogamento. Não obstante, alguns achados merecem ser melhor discutidos. É o caso, por exemplo, do projeto Salva Surf realizado em Cabo Frio, Região dos Lados do Estado do Rio de Janeiro e do projeto Surf Salva Brasil realizado na Academia Projeto Acqua, São Paulo – capital.

Segundo o juízo dos discentes e docentes do curso de graduação em Educação Física, os quais fizeram parte de nossa amostra, 70% observaram que o surfista pode exercer o serviço de prevenção de afogados enquanto pratica o surf. Independentemente de instrumentos de avaliação e/ou valores, percebe-se, até com alguma facilidade, que o envolvimento dos surfistas, por meio de programas de capacitação direcionados a prevenção e ação em relação ao afogamento, e ao mesmo tempo relacionados à saúde, é fundamental.

No que se refere ao vínculo que se pretende estabelecer entre a utilização dos elementos do surf no salvamento aquático e concepções de graduandos e graduados do curso de Educação Física, há que se considerar as limitações da pesquisa empregada na avaliação do papel do surfista enquanto socorrista, além da dificuldade em se instituir limite deste questionamento a partir do qual os surfistas podem assumir que corroboram esta situação. Todavia, em nosso levantamento sobre o entendimento dos Profissionais de Educação Física sobre os surfistas realizarem salvamento ao mesmo tempo em que praticam o surf, 74% dos entrevistados consideraram que os surfistas podem exercer esta função.

O estudo realizado em Portugal sobre questões relacionadas ao afogamento. Cita-se que toda pessoa que se encontre em condições de prestar auxílio a outrem que esteja em perigo de se afogar não deve hesitar em prestá-lo.<sup>26</sup> Na opinião de Rosa (2001),<sup>46</sup> os surfistas são atletas de águas turbulentas, têm bom condicionamento físico, conhecem os riscos do mar, praticam o esporte na zona de impacto, próximo as correntes de retorno, onde ocorrem normalmente os casos de afogamentos. Considera ainda este autor que, o surfista é um Guarda-Vidas nato, faltando lhe somente conhecimentos sobre abordagem da vítima, seu transporte e pronto socorrismo.

Considerando a análise referente a participação do surfista de peito em algum salvamento no mar, 84% dos entrevistados informaram que já tomaram parte de salvamentos. A saber, na compreensão de Machado (1978),<sup>29</sup> qualquer pessoa pode aprender sobre salvamento na água, desde que tenha perfeito domínio dos movimentos, para depois passar pelo treinamento específico. O contato com as condutas de salvamento e o uso de equipamentos no salvamento de pessoas afogadas fornecem vivências importantes que podem possibilitar a prevenção do afogamento.

Em nossos resultados, alguns dados parecem concordar com o estudo de Rosa (2001),<sup>46</sup> pois 54% de nossa amostra, indicaram que já auxiliaram o guarda vidas diante de salvamento no mar.

Estudos epidemiológicos realizados<sup>35,55,57,60</sup> revelam que o afogamento configura situação de perigo para a vida humana, principalmente para crianças e jovens em torno de 0 a 14 anos de idade, e este fato nos levam a pensar em mecanismos que possibilitem minimizar seus efeitos.

Não é sem razão que, notamos que em alguns países, tomam-se medidas no sentido de democratizar conteúdo e metodologia pertinente ao salvamento de vidas humanas na água.

Admitem inúmeros pesquisadores da área, dentre os quais Andrés, Gonzalez, Peresenda, Palácios, Valeiras, Porto, Tilló, além da Surf Life Saving Association Austrália, que a Educação Física tem importante papel a desempenhar neste desafio. Posto que o objetivo de estudo da Educação Física é o homem em movimento, se constitua na variável de maior interesse deste processo.

Ocorre, contudo, que na realidade brasileira, salvo melhor juízo, a Educação Física escolar, federações, confederações, associações, escolas de surf e afins, não incluem, entre seus objetivos, a articulação do socorrismo com a saúde. De modo geral, o conteúdo contemplado nos programas de EF refere-se as práticas esportivas. Historicamente, conceitos básicos sobre socorrismo, enquanto elemento de promoção da saúde, não são abordados. A propósito, Orlandin (2001)<sup>38</sup> menciona que é dado pouco valor aos socorros de urgência pelos profissionais e instituições envolvidas no ensino de graduação.

Em decorrência da interpretação dos resultados a partir das respostas assinaladas no questionário sobre o julgamento dos graduandos e graduados em Educação Física, 83% assinalaram que nunca viram nenhum surfista auxiliando um salvamento. Contudo, estes mesmos entrevistados, em torno de 85% da amostra, fizeram referência de que o surfista pode auxiliar pessoas se afogando.

O professor de Educação Física deve conscientizar seu alunado de que não prestar auxílio a uma pessoa em perigo é um delito, falta de solidariedade humana, visto que, por imprudência, ou imperícia, acidentes poderão ocorrer promovendo risco de vida ou levando a situações desastrosas, com conseqüentes seqüelas e até invalidez permanente, mencionam Novaes e Novaes (1994).<sup>34</sup> Inclusive, no entendimento de Peresenda (2001)<sup>40</sup> as técnicas de salvamento aquático podem enriquecer e tomar parte dos programas de natação nas escolas,

favorecendo os alunos com a possibilidade de incrementar a confiança em si mesmo e em suas possibilidades de sobrevivência.

Na concepção de Moran (2005),<sup>33</sup> a educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente. Para isto, podem ser utilizados o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o CD-ROM, o telefone, o fax e tecnologias semelhantes.

Para verificar a possibilidade deste incremento como elemento de capacitação, observamos que 54% de nossa amostra não costuma adquirir revistas especializadas em surf de peito. Possivelmente, porque elas ainda não existem no mercado brasileiro, contudo as de surf com prancha são abundantes e investem maciçamente, afim de promover aporte a visibilidade de sua marca.

Com relação aos métodos mencionados nesta pesquisa sobre as abordagens com uso da prancha de surf, percebemos que a técnica elaborada no Brasil, ao contrário do método australiano, não permite que a vítima de afogamento, após os primeiros atendimentos, ainda dentro d'água, retorne para o meio aquático. Isto garante contribuição importante de oxigênio para a vítima de afogamento, salvo haja algum imprevisto durante o retorno para a praia. Szpilman (2001)<sup>56</sup> entende que iniciar os primeiros socorros, ainda dentro d'água, reduz em 40% o índice de seqüelas devido à ausência de O<sup>2</sup> no cérebro.

Artifícios de flutuabilidade, como é o caso da prancha de surf, possibilitam a não exposição do risco de salvar a nado o afogado. No entendimento de Gonzalez (1996),<sup>22</sup> as pranchas são úteis para aproximar-se da arrebentação ou lugares rochosos, onde é impossível se aproximar utilizando embarcações. No sentido de verificar a aspiração de nossa amostra sobre curso de capacitação, 95% relataram que gostariam de se habilitar em salvamento aquático.

Considerando-se que não existe solução simplista para tão relevante assunto, o planejamento das federações, confederações, associações, escolas de surf e afins, deveriam incluir, no mínimo, conteúdo e procedimentos metodológicos do socorrismo aquático. Esta abordagem, séria e muito bem estruturada, promoveria cultura, deveria ir se aprofundando em consonância com níveis de conhecimento mais avançados. Esta seqüência lógica, garantiria aos escolares, amadores e profissionais do surf no Brasil, acesso seguro e confiável sobre todo este processo de educação para a saúde. Posto que, a natureza biológica do homem, por si só, não garante sua humanização.

## 8 CONCLUSÃO

A existência do afogamento entre crianças e jovens é fato estabelecido. Fica evidente a importância de medidas educacionais na infância. Da mesma forma, há consenso entre os pesquisadores da área de que a prevenção deva ser entendida como parte integrante do processo educacional. Neste caso, o que importa é o desenvolvimento educacional das crianças, além dos jovens e adultos, os quais, em condições ideais, deveriam ser instruídas sobre o socorrismo aquático.

O que se pressupõe-se, então, é que a educação para a saúde deve ser cogitada no âmbito escolar. Não se pretende que os escolares manifestem um nível de conhecimento satisfatório sobre o socorrismo. O que se propõe, é que aos escolares seja oportunizado algum contato com o salvamento aquático e/ou o afogamento, que é a principal causa de morte involuntária global após os ferimentos de tráfego nas estradas.

As informações até aqui evidenciam extensa preocupação na Região Sudeste do Brasil. Contratar guarda-vidas não é suficiente! É necessário divulgar os métodos seguros de

se prevenir e agir em casos de afogamento e, com isso, minimizar a taxa deste tipo de ocorrência.

Atualmente, fala-se tanto em segurança no trânsito, segurança pessoal contra violência das grandes cidades, mas não podemos nos eximir da segurança na água. Afinal, o lazer do nosso povo está aliançado ao meio aquático.

No caminho de minimizar os casos de afogamento, ou seja, a prevenção, está o surfista. A julgar pelos resultados obtidos a partir deste estudo, saliento que promover programas de capacitação que implementem a educação e a cultura do surfista, é importante. Com isso, congregá-los e potencializá-los, e desta maneira, desenvolver e aprimorar de forma participativa e sustentada as políticas públicas voltadas para a área da saúde e da educação. Ou seria utópico cogitar que esta é uma forma inteligente e eficaz de construir na comunidade surfista a consciência quanto a prevenir e ajudar pessoas em risco de afogamento?

O *surf* não é somente o esporte dos reis, é também o lazer, mas no momento oportuno, o surfista solicitado deverá usar o seu conhecimento para auxiliar alguém em apuros. O estudo aponta que é importante multiplicar as técnicas diversas da cultura corporal do movimento na água, não só do *surf*, mas também, e principalmente, de como utilizar os elementos do *surf* no salvamento aquático.

## 9 REFERÊNCIAS

- 1 A BÍBLIA Sagrada. **Atos dos apóstolos**: o naufrágio. (At 27:37-44). Traduzida para o português por João Ferreira de Almeida. ed. 2. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- 2 ALMEIDA, D. F. **Surf**. 2001. 10 f. Resenha (Graduando em Educação Física - Iniciação Científica) – Faculdade de Educação Física das Faculdades Integradas de Guarulhos, 2001.
- 3 ANDRÉS, J. J. M. **La educacion física en la enseñanza media**. Madrid, Espanha: Universidad Laboral de Alcalá de Henares, 1970.
- 4 ARCZYŃSKA, M. T. F. I. S. O homem: criador e criatura. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. 3., 1998, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 1998. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF%2061.html>>. Acesso em: 11 fev. 2005.
- 5 BABOGLUIAN, M. **Esporte, meio ambiente e qualidade de vida**. São Paulo – SP. In: SIMPÓSIO PROJETO MARAZUL, 3, 2001. Anotações do simpósio.
- 6 BRASIL. Marinha do Brasil. Diretoria de Hidrografia e Navegação. Departamento de Geofísica: Divisão de Meteorologia. Banco Nacional de Dados Oceanográficos. **Sumário climatológico global**: distribuição de frequências absolutas e percentuais da temperatura da água do mar `a superfície. Informações acumuladas de janeiro de 1992 à julho de 1997. [Mensagem pessoal]. Acesso em: mar. 2005. Mensagem recebida por <osniguaiano@aol.com> em 16 de março de 2005.
- 7 BRASIL. Marinha do Brasil. Diretoria de Hidrografia e Navegação. **Extensão da costa do Brasil**. Informações disponibilizadas pela Divisão de Cartografia. [Mensagem pessoal]. Acesso em: abr. 2005. Mensagem recebida por <osniguaiano@aol.com> em 14 de abril de 2005.
- 8 BRASIL. Marinha do Brasil. Diretoria de Hidrografia e Navegação. Departamento de Geofísica: Divisão de Meteorologia. Banco Nacional de Dados Oceanográficos. **Sumário climatológico global**: temperatura média do ar atmosférico. Informações acumulados desde janeiro de 1992 até julho de 1997. [Mensagem pessoal]. Acesso em: mar. 2005. Mensagem recebida por <osniguaiano@aol.com> em 16 de março de 2005.
- 9 BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Embrapa. **Meio ambiente**: informativo meio ambiente e agricultura. ano 6, 22., abr/mai/jun. 1998. Disponível em: <[http://www.cnpma.embrapa.br/informativo/mostra\\_informativo.php?id=88](http://www.cnpma.embrapa.br/informativo/mostra_informativo.php?id=88)>. Acesso em: 09 jun. 2005.

- 10 BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informação e Informática do SUS (DATASUS). **Tabela CID BR – 10: óbitos por ocorrência por faixa etária segundo região - afogamento e submersões acidentais de 1996 à 1998.** Brasília: MS/DATASUS. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br.html>>. Acesso em: 24 fev. 2005.
- 11 BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informação e Informática do SUS (DATASUS). **Tabela CID BR – 10: óbitos por ocorrência por faixa etária segundo região - afogamento e submersões acidentais de 2000 à 2002.** Brasília: MS/DATASUS. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br.html>>. Acesso em: 24 fev. 2005.
- 12 BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **ONU e IBGE divulgam relatórios de população.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br.html>>. Acesso em: 21 fev. 2005.
- 13 BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censos: mapa do site.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br.html>>. Acesso em: 21 fev. 2005.
- 14 BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Estimativa da população residente no Brasil.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br.html>>. Acesso em: 21 fev. 2005.
- 15 CARROLL, T. **Surf survival: the complete guide to ocean safety - introduction.** Australian: SLSAA, 1991.
- 16 ESPÍRITO SANTO (Estado). Corpo De Bombeiros Militar do Estado do Espírito Santo. **Dados estatístico sobre o afogamento.** [Mensagem pessoal]. Acesso em: abr. 2005. Mensagem recebida por <[osniguaiano@aol.com](mailto:osniguaiano@aol.com)> em 19 de abril de 2005.
- 17 ESPÍRITO SANTO (Estado). Governo do Estado. **Meio ambiente: litoral capixaba.** Disponível em: <<http://www.es.gov.br>>. Acesso em: 19 abr. 2005.
- 18 FERNANDES, A. **Surf história.** Disponível em: <[www.360graus.terra.com.br/surf/surf\\_historia](http://www.360graus.terra.com.br/surf/surf_historia)>. Acesso em: 14 mar. 2002
- 19 FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- 20 GASPARINI, D. **Direito administrativo.** São Paulo: Saraiva, 2001.
- 21 GODOY, D. O. **Curso de salvamento aquático com prancha: vitima consciente.** São Paulo – SP. In: SIMPÓSIO PROJETO MARAZUL, 3, 2001. Anotações do simpósio.
- 22 GONZALEZ, A. R. B. **Natacion y salvamento.** Montevideo: [s.n], 1996.
- 23 GUAIANO, O. P. **Curso de salvamento aquático com prancha: noções de oceanografia.** São Paulo – SP. In: SIMPÓSIO PROJETO MARAZUL, 3, 2001. Anotações do simpósio.
- 24 GUAIANO, O. P. **Curso de salvamento aquático: epidemiologia do afogamento.** In: CONGRESSO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 8, 2004. Jundiaí – SP. Anotações do congresso.

- 25 HALÁSZ, H. **Abc...xyz do surf**. São Paulo: Litoral Brasil, 1999.
- 26 INSTITUTO DE SOCORROS A NÁUFRAGOS (ISN). **Manual do nadador salvador**. Lisboa, Portugal: Faculdade de Motricidade Humana, 2001.
- 27 INTERNATIONAL SURFING MUSEUM. **Boards02**. Disponível em: <<http://www.surfingmuseum.org>>. Acesso em: 12 mar. 2005
- 28 LOPES, R. A. **Depoimento sobre o papel da mulher na prática do surfe de peito e sua contribuição para potencializar este esporte no Brasil**. [Mensagem pessoal]. Acesso em: mar. 2005. Mensagem recebida por <osniguaiano@aol.com> em 07 de março de 2005.
- 29 MACHADO, D. C. **Metodologia da natação**. São Paulo: Epu, 1978.
- 30 MAITINO, E. M. **Fatores de risco da doença coronária em escolares do ensino fundamental e médio e suas interfaces com a Educação Física**. 1998. 112 f. Tese (Doutorado em Ensino na Educação Brasileira) - Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Marília, 1998.
- 31 MANINO, L. **Manejo de la victima con trauma espinal dentro del agua**. Concordia, Argentina. In: SIMPOSIO DEL LITORAL ARGENTINO DE SALVAMENTO ACUÁTICO, 1., 2001. Concórdia. Anotações do simpósio.
- 32 MARTINS, G. J. **Caracterização do clima de onda no litoral do Município de Pontal do Paraná**. [entre 1995 e 2005]. Projeto (Pós-graduação em geologia) - Universidade Federal do Paraná, Pontal do Sul Pontal do Paraná, [entre 1995 e 2005]. Disponível em: <[www.cem.ufpr.br/fisica/ondas.htm](http://www.cem.ufpr.br/fisica/ondas.htm)>. Acesso em: 27 abr. 2005
- 33 MORAN, J. M. Novos caminhos do ensino a distância. Centro de Educação a Distância. SENAI, Rio de Janeiro, ano 1, n.5, out-dezembro de 1994, páginas 1-3. Atualizado em: 2002. **O que é educação a distância**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2005.
- 34 NOVAES, J. S.; NOVAES, G. S. **Manual de primeiros socorros para Educação Física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.
- 35 OLIVEIRA, B. F. M.; PAROLIN, M. K. F.; TEIXEIRA JUNIOR, E. V. **Trauma: atendimento pré-hospitalar**. São Paulo: Atheneu, 2001.
- 36 OLIVEIRA, H. P. M de. **Depoimento sobre a origem e importância da Associação Brasileira de Bodysurf**. [Mensagem pessoal]. Acesso em: mar. 2005. Mensagem recebida por <osniguaiano@aol.com> em 07 de março de 2005.
- 37 OLIVEIRA, M. P.; PESSOA, M. **Estudo das praias no âmbito do GMar para a erradicação de óbitos por afogamento**. 2001. 57 f. Monografia (Curso Superior de Aperfeiçoamento de Bombeiro Militar) - CBMERJ, Rio de Janeiro, 2001.
- 38 ORLANDIN, K. P. **Principais ocorrências de acidentes na prática do profissional de Educação Física e suas atividades de emergência**. 2001. 118 f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) - UNESP, Rio Claro, 2001.

- 39 OVERSEAS PROPERTY ON LINE. **Dolphins in the wave**. Disponível em: <<http://www.overseaspropertyonline.com/european/photos/costadelaluzphotos/costadelaluzphotos.html>>. Acesso em: fev. 2005.
- 40 PERESENDA, D. E. **Salvamento acuático, treinamento físico, técnico y psicológico**. Argentina: Ryc, 2001.
- 41 RED CROSS. **Information on the red cross: water safety crusader**. Disponível em: <<http://gso.redcross.org/info/WilbertLongfellow.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2005.
- 42 RIO DE JANEIRO (Estado). CORPO DE BOMBEIROS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (CBERJ). **Manual de salvamento aquático**. Rio de Janeiro: Diretoria de Pessoal do Estado Maior Geral, 1985.
- 43 RIO DE JANEIRO (Estado). Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro. Comando de Bombeiros da Área do Interior. Sub-Grupamento de Bombeiros Militar, 1., Grupamento de Bombeiros Militar, 9. **Parte Subseção de Atividades Especiais (SsAE)**, 44., Orla da Região dos Lagos guarnecida pelo 1ºSGBM/9ºGBM. Cabo Frio, 1999.
- 44 RIO DE JANEIRO (Estado). Grupamento Marítimo do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro. **Manual do curso de guardião de piscina**. Rio de Janeiro: Seção de Serviços Técnicos, 2001.
- 45 RIO DE JANEIRO (Estado). Grupamento Marítimo do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro. **Estatística de casos de afogamento no âmbito do GMar**. Rio de Janeiro: Seção Operacional, 2001.
- 46 ROSA, C. P. **Utilização de mão de obra voluntária no sistema de salvamento marítimo**. São Paulo – SP. In: SIMPÓSIO PROJETO MARAZUL, 3, 2001. Anotações do simpósio.
- 47 SANTOS, H. F. **Manual de treinamento**. Florianópolis: Novo Design, 2001.
- 48 SÃO PAULO (Estado). Polícia Militar do Estado de São Paulo Corpo de Bombeiros. 17º Grupamento de Bombeiros. **Extensão da orla marítima do Estado de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.polmil.sp.gov.br/ccb/pagina14.html>>. Acesso em: 19 fev. 2005a.
- 49 SÃO PAULO (Estado). Polícia Militar do Estado de São Paulo Corpo de Bombeiros. 17º Grupamento de Bombeiros. Salvarmar Paulista. **Dados do afogamento no litoral do paulista**. [Mensagem pessoal] Acesso em: mar. 2005. Mensagem recebida por <[osniguaiano@aol.com](mailto:osniguaiano@aol.com)> em 17 de março de 2005.
- 50 SCHEFLER, R. **Depoimento sobre a participação brasileira nos campeonatos internacionais de surfe de peito e o que acrescentou estes eventos para maximizar os campeonatos no Brasil**. [Mensagem pessoal] Acesso em: mar. 2005. Mensagem recebida por <[osniguaiano@aol.com](mailto:osniguaiano@aol.com)> em 04 de março de 2005.
- 51 SCHMIEGELOW, J. M. M. **Oceanografia: região costeira – as praias**. Universidade Santa Cecília. Disponível em: <[http://cursos.unisanta.br/oceanografia/regiao\\_costeira.htm](http://cursos.unisanta.br/oceanografia/regiao_costeira.htm)>. Acesso em: 26 mar. 2005.

- 52 SEQUEIRA, K. B. F. **Depoimento sobre o surgimento do surf de peito para o mundo e sua evolução em relação ao surf praticado com prancha.** .[Mensagem pessoal] Acesso em: mar. 2005. Mensagem recebida por <osniguaiano@aol.com> em 05 de março de 2005.
- 53 STEINMAN, E. H., VASCONCELLOS, E. M. RAMOS, J. L. BOTELHO e M. V. NAHAS. Epidemiologia dos acidentes no surf no Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, vol. 6 – n. 1, p. 9-15. jan/fev 2000.
- 54 SURF LIFE SAVING ASSOCIATION AUSTRALIAN. **Surf survival: the complete guide to ocean safety.** Australian: SLSAA, 1991.
- 55 SZPILMAN D.; HIGA, E. M. S; GUAIANO, O. P. Entendendo e prevenindo o afogamento. **Revista Pool-Life**, Guarulhos, SP, n. 65, p. 24 – 26. julho 2004.
- 56 SZPILMAN, D. **Curso de salvamento aquático com prancha:** introdução e vitima inconsciente. São Paulo – SP. In: SIMPÓSIO PROJETO MARAZUL, 3, 2001. Anotações do simpósio.
- 57 SZPILMAN, D. **Emergências aquáticas.** v. 2. Rio de Janeiro: Sobrasa, 2002.
- 58 SZPILMAN, D.; ORLOWSKI, P. J. Afogamento. **Revista Soc. Cardiol**, São Paulo, n. 2, p. 390 – 405, 2001.
- 59 WORLD CONGRESS ON DROWNING. **Recommandations.** Holland, 2002. Disponível em: <<http://www.drowning.nl/>>. Acesso em: 18 de fev. 2005.
- 60 WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Drownings and injury could be spared through new WHO risk protection plan.** Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2003/pr75/es/>> Acesso em: 21 de fev. 2005.
- 61 WORLD HEALTH ORGANIZATION. Session of the Regional Committee, 50th. PAN-AMERICAN SANITARY CONFERENCE, 25, 1998. **Annals electronics...** Disponível em: <[www.paho.org/portuguese/gov/csp/csp25\\_15.pdf](http://www.paho.org/portuguese/gov/csp/csp25_15.pdf)>. Acesso em: 18 de fev. 2005.

## 10 ANEXOS

### 10.1 Anexo A – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE TEXTOS

Caros colegas Surfistas de Peito.

Necessito da autorização de pelo menos sete integrantes desta comunidade para utilizar textos que foram veiculados pelo <surfedepeito@grupos.com.br>. O objetivo é utilizá-los como meio de informação para incrementar o trabalho de pesquisa sobre o esporte o qual tanto estimamos. A razão disto é contextualizar a comunidade dos surfistas de peito no Brasil. Sendo assim, por favor, ao colocarem nome ou endereço eletrônico, adicionem também o Estado o qual pertencem. Obrigado e boas ondas,

- 1 - Carlos Clarizia - carlos.clarizia@globo.com - São Paulo
- 2 - Daniel Haberbeck - danielhdhs@yahoo.com.br - São Paulo
- 3 - Ricky de Souza - ricky@bodysurfing.com.br - Rio de Janeiro
- 4 - Sergio Siqueira - acrylichead@click21.com.br - Rio de Janeiro
- 5 - Rogerio Schefler - rogerio\_caju@hotmail.com - São Paulo
- 6 - Kleiber Fragoso - kleiber@superig.com.br - Rio de Janeiro
- 7 - Mauricio Neves - "Seven" - mc.neves@uol.com.br - Rio de Janeiro
- 8 - Henrique Pistilli - henrique@ecosocial.com.br - Santa Catarina
- 9 - Renata Lopes - renatalopes@imagelink.com.br - Santa Catarina

10.2 Anexo B – INSTRUÇÕES GERAIS DO QUESTIONÁRIO PARA OS SURFISTAS  
DE PEITO

Estimado(a) Amigo(a),

Este questionário é o instrumento necessário para a realização de minha pesquisa sobre concepções de professores e alunos do curso de graduação em Educação Física quanto ao papel do surfista enquanto socorrista.

Ele é composto por questões fechadas.

É importante que responda às questões atentamente.

Lembre-se: **NÃO HÁ RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS!**

Sua opinião é reservada, garantindo desta maneira, o sigilo de suas respostas.

Havendo perguntas que não saiba responder, favor, deixar em branco.

Caso tenha interesse pelos resultados dessa pesquisa, anote seu endereço eletrônico no final do questionário, desta maneira, lhe enviaremos conclusão final.

Desde já, agradeço sua preciosa colaboração.

---

Osni Pinto Guaiano

UNIP – Campos Bauru

## 1 IDADE:

menos de 20 anos

de 21 a 25 anos

de 26 a 30 anos

de 31 a 35 anos

de 36 a 40 anos

de 41 a 45 anos

mais de 45 anos

## 2 SEXO:

feminino

masculino

## 3 GRAU DE ESCOLARIDADE:

Ensino fundamental 1º grau

Ensino médio 2º grau

Superior incompleto

Superior

## 4 Já presenciou alguma morte por afogamento?

Sim

Não

5 Já Participou de algum salvamento no mar?

( ) Sim

( ) Não

6 Tem algum receio ou medo de realizar um salvamento no mar?

( ) Sim

( ) Não

7 Já teve a oportunidade de auxiliar um Guarda Vidas em um salvamento?

( ) Sim

( ) Não

8 Gostaria de participar de Curso de Capacitação em Salvamento Aquático?

( ) Sim

( ) Não

9 Costuma adquirir revistas especializadas em Surfe de Peito?

( ) Sim

( ) Não

10 Em que condições de mar você se sente a vontade praticando Surfe de Peito? ( ) até

0,5m

( ) até 1m

( ) até 1,5m

( ) até 2m

( ) até 2,5m

( ) acima de 2,5m

10.3 Anexo C – INSTRUÇÕES GERAIS DO QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES E ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Estimado(a) Amigo(a),

Este questionário é o instrumento necessário para a realização de minha pesquisa sobre concepções de professores e alunos do curso de graduação em Educação Física quanto ao papel do surfista enquanto socorrista.

Ele é composto por questões fechadas.

É importante que responda às questões atentamente. Adote como referencia a sua vivência e conhecimento adquirido durante sua formação.

Lembre-se: **NÃO HÁ RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS!**

Sua opinião é reservada, garantindo desta maneira, o sigilo de suas respostas.

Havendo perguntas que não saiba responder, favor deixar em branco.

Querendo realizar qualquer observação sobre a pesquisa, por favor, use o verso da lauda de perguntas.

Caso tenha interesse pelos resultados dessa pesquisa, anote seu endereço eletrônico no final do questionário, que enviarei conclusão final.

Desde já, agradeço sua preciosa colaboração.

---

Osni Pinto Guaiano

UNIP – Campos Bauru

## 1 IDADE

- menos de 20 anos
- de 21 a 25 anos
- de 26 a 30 anos
- de 31 a 35 anos
- de 36 a 40 anos
- de 41 a 45 anos
- mais de 45 anos

## 2 SEXO

- feminino
- masculino

## 3 GRAU DE ESCOLARIDADE

- Ensino fundamental 1º grau
- Ensino médio 2º grau
- Superior incompleto
- Superior /  Pós-graduado

## 4 Você pensa que o surfista pode auxiliar pessoa a afogada?

- Sim
- Não

5 Você alguma vez já viu um surfista auxiliando um salvamento?

( ) Sim

( ) Não

6 Você acredita que o Surfista possa EXECUTAR o serviço de PREVENÇÃO de afogados enquanto pratica o Surfe?

( ) Sim

( ) Não

7 Você acredita que o surfista possa EXECUTAR SALVAMENTO enquanto pratica o surfe?

( ) Sim

( ) Não